O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

QUARTA-FEIRA 14 DE JUNHO DE 1893

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 4:271

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Fernando de Vilhena.—Carta de Lisboa.—Noticiario.—Documentos historicos.—Espinho e as outras praias.—Folhetim: Os Crentes.—Carta de Vagos.—Carta de Cantanhede.—Secção agricola.—Secção litteraria.—Bibliotheca Historico-Politica.

AVEIRO

FERNANDO DE VILHENA

Passa ámanhã o segundo anniversario do fallecimento d'este malogrado escriptor e jornalista, chorado e estremecido filho d'esta terra.

O *Campeão das Provincias*, que se orgulha de ter sido como que o berço dos seus primeiros sonhos de poeta, e mais tarde a tribuna d'aquelle ardente campeão das liberdades publicas, cumpre um sacratissimo dever de gratidão prestando á memoria veneranda do morto illustre esta singela homenagem de amor e de saudade.

Assim, e porque o tempo nos não permitte mais, apenas o quadro dos redactores e collaboradores mais effectivos do *Campeão* lhe escrevem as poucas linhas que seguem.

Que do Ceu, onde habita, a sua alma generosa e boa nos releve a humilde commemoração d'este dia, mas que ella tenha a consagração d'este n.º do jornal que tanto honrou e illustrou, como uma sincera homenagem de gratidão a quem tanto e tão elevadamente a soube merecer.

* * *

Quanto mais distante vae ficando o dia 15 de junho de 1891, mais viva é a saudade por Fernando de Vilhena, pelo amigo e companheiro dos dias descuidados da primeira infancia, e maior o vacuo que no nosso coração deixou a sua prematura morte; mas maior ainda que tudo isto, se é possivel, é a falta insubstituivel que a sua intelligencia, a sua actividade e o seu grande amor por tudo que era da sua terra, fez a Aveiro.

Fernando de Vilhena não viveu só para a sua familia que o idolatrava e para os seus amigos que eram todos os que de perto o conheceram, viveu tambem para esta cidade que se deve orgulhar de o ter por filho, pois pugnou sempre tanto quanto póde pelos seus melhoramentos e interesses. Nos curtos annos da sua vida fez mais por ella do que muitos tem feito em longas e desanuviadas existencias.

E' por isso que os amigos o não esquecerão jámais e que Aveiro, o seu querido Aveiro ha-de reverenciar sempre a sua memoria, e ambos relembrarão este anniversario triste, desfolhando aquelles, algumas flôres sobre a sua campa, e avivando este, no seu livro d'oiro as letras com que estão escriptos os meritos e serviços d'este seu filho extremoso.

MARQUES GOMES.

* * *

E' ainda com o coração repassado da mais viva saudade, que vimos hoje recordar a memoria d'aquelle espirito lucido e fulgurantissimo, talento de primeira grandeza, que se chamou—Fernando de Vilhena—esse infeliz moço que a terrivel morte nos arrebatou ainda no fulgôr da vida!

Já lá vão dois annos depois que a fria campa encerra os seus restos, e a lembrança dos seus affectos á familia, do seu amor á patria e do seu enthusiasmo á imprensa, que tanto adorou, *ainda não esqueceu* áquelles que o admiraram e ainda hoje lhe rendem o culto da sua veneração.

Fernando de Vilheda ainda vive, porque se sente a falta da sua palavra quente e fluentissima, e da sua penna apurada e energica, para propugnar pelos melhoramentos d'esta infeliz terra; e por que os seus amigos lhe commemoram o infausto passamento, tecendo-lhe corôas de saudade, para espargir sobre a sua triste morada, á sombra dos cyprestes.

FRANCISCO DE MAGALHÃES.

* * *

Passam dois annos, depois que a sepultura encerrou o cadaver d'este meu amigo, de quem sempre me recordarei com saudade, por que sempre d'elle recebi provas de estima e de consideração e contra elle não tenho o menor motivo de resentimento. Podem os seus inimigos, pessoaes ou politicos, apontar-lhe erros. Ninguem está isempto de commettel-os. E muitos individuos existem e não poucos tem baixado á campa, manchados de nodoas indeleveis e de defeitos menos desculpaveis. E, no entanto, a não poucos d'esses individuos, em quanto existem, não falta quem os elogie, quem os saude, quem lhes preste quasi um culto. E depois de mortos não falta quem os ache dignos de um monumento e até de uma apotheose.

E nenhum d'elles talvez tivesse em tão elevado grau as virtudes de Fernando de Vilhena, no amor á familia; no respeito ás crenças; na dedicação a seus paes; na sincera amisade áquelles que o estimavam; na defeza das classes desvalidas; no amor á terra que lhe fôra berço; na franqueza com que expunha as suas opiniões; na maneira como lamentava os infortunios; nos desejos de ser util aos amigos, ás artes e ás letras; nos seus merecimentos e na sua intelligencia, que ninguem possuiu mais, e na lealdade com que se confessava grato para com aquelles de quem houvesse recebido quaesquer provas de estima.

O limitado do tempo e do espaço não me permittem ser mais extenso. Termino, pois, enviando uma saudade á memoria do illustre extincto.

Oxalá, que Deus lhe haja relevado quaesquer erros, inherentes á humana fraqueza, e que a alma de Fernando de Vilhena, d'aquelle nobre amigo, goze da presença do Altissimo

«no templo da suprema eternidade.»

Aveiro.

RANGEL DE QUADROS.

* * *

E' um bom symptoma para o homem publico, o ser injuriado pelos seus inimigos.

VALTOUR.

Os pedestaes da gloria são amassados com inveja e com calumnia.

A gloria é... um catre n'um hospital, como teve Camões, ou os rochedos de Santa Helena como teve Napoleão I. As estatuas, glorias posthumas, são o escarneo lançado aos que repousam nos tumulos, e que deixaram morrer á fome o cantor dos *Luziadas*, e deram a Tasso um hospital de doidos.

O que vale a gloria? E' um sonho d'uma alma assudada.

A gloria?!... O estimulo que nos leva a grandes commettimentos para nos cuspirem affrontas em vida e conspurcarem a nossa honra.

Pois seja assim. A sociedade é suprema. Os homens são sempre os mesmos. O orgulho humano, como diz A. Herculano, é feroz e estupido.

A regeneração social é um impossivel. O coração do homem, desde o Genesis até hoje, é... um abysmo.

A sociedade não a modifica. O homem é sempre o mesmo, e a prova é que, a par da civilisação, os crimes são sempre os mesmos, e mais aperfeiçoados. Talvez que sejamos pessimistas n'este ponto; mas em quanto no coração humano predominar a inveja, jámais se melhorará a sociedade.

Vem isto aqui como um preito aos serviços que o venerando pae do illustre morto tem feito á cidade e ao districto d'Aveiro e até á humanidade. E o que lhe tem acontecido? O que lhe teem dito os invejosos? Hão-de fazer-lhe a justiça que merecem o seu nome, o seu patriotismo, a sua benevolencia, os seus inegualaveis serviços, creio eu. Mas até lá, e Deus permitta que seja tarde, só os odios e a calumnia campearão desenfreados.

Ao nosso pobre Fernando succedeu o mesmo. E, todavia, que alma, que abnegação, que patriotismo tão parecidos com o de seu pae! Tambem aquelle foi um heroe e um martyr. Só tarde lhe reconheceram os meritos e os talentos. Mas porisso se lhe agruparam, em torno do seu leito de morte, todos os carinhos e todas as dedicações. Aveiro fez-lhe uma verdadeira apotheose. O povo generoso d'essa boa terra ergueu-o nos escudos da fama, e elevou-o ao apogeu da gloria. Mereceu-o; mas triste glorificação aquella para que é preciso morrer!

Recordo com tristeza um profundo golpe com que a fatalidade começou a feril-o. Morrera-lhe um filhinho que elle adorava. Não fui ao seu enterro. Estava já adoentado; escrevi-lhe, e transcrevo a carta que elle me escreveu. Conservo-a como uma reliquia. Eil-a:

«*Meu caro Henrique.*—Tu, que és pae, sabes que nada ha na vida que mais penhore o coração do que o cuidado d'um amigo por um filho que se idolatra. Diz o ditado: quem meus filhos beija, minha bocca adoça. Por isso muito e muito me obriga a tua amavel cartinha. Infelizmente respondo: a doença da minha filha do coração, era fatal! Uma meningite. Perdi-a. Que hei de fazer-lhe! E' Deus que o determina.

teuám.º dedicado
FERNANDO DE VILHENA».

Aqui está photographada aquella boa alma, aquelle bom coração!

Fernando de Vilhena era o que todos nós sabiamos: um bom filho, um bom esposo, um bom pai, e um bom amigo. Luctou pela vida como ninguem mais. Teve, desde que nasceu, diante de si o grande problema de alcançar um nome á custa de muito trabalho, de grandes sacrificios e do seu talento excepcional. Era um martyr da sua incansavel actividade. Queria tudo, alcançar tudo, e n'essa grande lucta sacrificou-se muitas vezes. Se fosse rico, morreria pobre, porque metade da sua fortuna era para os pobres; a outra metade gastal-a-hia nos seus emprehendimentos gigantescos.

Foi sobre tudo um martyr!

.....

Ahi ficam essas duas linhas que eu quero consagrar á memoria do meu querido amigo, Fernando de Vilhena. E ainda hei de escrever muito a seu respeito, embora isto nos traga á lembrança as mais vivas recordações d'aquelle grande coração e d'aquelle espirito tão eminentemente sabio e tão eminentemente emprehendedor.

Que elle descance em paz.

Junho 7—1893.

HENRIQUE DA CUNHA.

* * *

A duvida, que até alli lhe alimentava apenas uns leves sopros de vida, transformara-se-lhe n'aquella noite, sombria e sem luar, na crudelissima certeza do grande mal sem remedio.

As primeiras claridades da manhã, que começava a raiar, penetravam escaçamente pelas janellas da sua alegre casita de S. João, desenhando no rosto pallido do moribundo, todo humido das transpirações finaes, uma corôa de martyrio.

De fronte, quasi se extinguiam os ultimos bruxoleamentos da alampada, que velara em frente d'uma imagem da Virgem, como uma prece por aquella desventura, que terminava.

Havia soluços reprimidos n'aquelle ambiente de penumbra triste, e lagrimas que nenhum supremo exforço continha nos olhos desmaiados dos que assistiam, n'um silencio terrivel de pavor, áquella madrugada de morte, que se avisinhava.

A alvorada! Como elle amara todos esses serenos começos do dia!

Um raio de luz, doirada e brilhante, entra janella a dentro, e vae tocar, como n'um derradeiro beijo, o rosto do pobre enfermo.

Elle abre os seus grandes olhos azues, contempla n'um dolorido extasis de amor e de saudade a esposa estremecida e os filhos pequenitos, e escreve, n'um pedaço de papel amarrotado, que guardo como um penhor, os derradeiros versos d'essa existencia, que se apaga:

Presinto-a; é ella que me bate á porta.
Senhor! embalde uma illusão imploro!
E para quê, se essa illusão é morta
em cada uma das lagrimas que choro?!

Deixa-me então sonhar. Eu quero ainda
beijar-lhe os rostos infantis e bellos.
Que doce aroma e que ventura infinda
nas madeixas gentis dos seus cabellos!

Pouco depois, com as ultimas reverberações do dia, que se extinguia para alem-mar, o sol enviava-lhe do occidente um derradeiro adeus, n'uma debil fulguração que se coava atravez do horisonte azul, cerrando-lhe para sempre o olhar, e illuminando-lhe a fronte n'uma aureola de luz como uma corôa de gloria.

FIRMINO DE VILHENA.

* * *

Solemnisando o 2.º anniversario da morte do seu chorado e desditoso camarada, a Redacção do *Campeão das Provincias* convida a todas as pessoas das suas relações e das do illustre extincto para assistirem a uma missa que ámanhã, pelas 8 e meia horas da manhã, se deve effectuar, suffragando a sua alma, na egreja de Nossa Senhora da Apresentação.

* * *

Pelas 8 horas da manhã do mesmo dia, terá logar uma outra missa, que a virtuosa esposa do eminente escriptor e jornalista, manda rezar na mesma egreja e para que convida tambem todos os amigos e admiradores do desditoso morto.

* * *

Em S. Jacintho, deve rezar tambem, na proxima sexta-feira, o revd.º sr. padre José Maria Ançã, uma missa que a companha de pesca de Nossa Senhora d'Arrabida manda dizer para o mesmo fim, e a que assistirão todas as outras companhas d'aquella praia.

CARTA DE LISBOA

13 DE JUNHO DE 1893.

Não tenho hoje que dizer-lhe de importante. A politica não offerece nada digno de especialisar-se. Como meio de abreviar os trabalhos parlamentares, falla-se em haver sessões nocturnas tres vezes por semana, e vae havel-as porque, se o governo tem pressa de fechar o parlamento, os deputados não a teem em menor escala. A vida em Lisboa não tem agora muito d'agradavel; depois a suppressão do subsidio faz falta aos que não são ricos nem exercem aqui funcções publicas de que lhe provenham meios.

— As sessões parlamentares correm sem importancia. O contrato do cabo para os Açores foi votado sem discussão. E' uma questão finda convenientemente resolvida.

— O nosso respeitavel amigo sr. Castro Mattoso, fallou na sessão de hontem contra a ideia, que se alastra, da criação das ordens religiosas no paiz. O seu discurso, como todos os que s. ex.ª profere n'aquella casa, foi ouvido com a devida attenção. O assumpto é grave e exige de todos nós um sério estudo.

— Partiram para as Pedras Salgadas o sr. Mathias de Carvalho e Vasconcellos e sua ex.ma familia. O illustre homem d'estado tenciona demorar-se alli 30 dias aproximadamente.

— A commissão de fazenda poz de parte a proposta do governo sobre os alcoes, que terá de ser feita de novo. Como o ministro não faz questão dos seus trabalhos, o facto não terá consequencias.

— A familia real parte para Cintra na proxima quinta-feira.

— O calor continua a ser aqui quasi insnportavel. Ha algumas doenças occasionadas pela ardencia da temperatura. Somos chegados á zona torrida, dizem os menos soffredores.

— O candidato á vaga de Pinhel é o sr. visconde de Pinhel.

No circulo de Villa do Conde apresenta-se o sr. Manuel Vieira d'Andrade, que já foi deputado pelo Porto.

— Requereu a sua aposentação o sr. prior da Conceição Nora.

— Foi transferido o escrivão de fazenda do concelho de Vieira para o d'Anadia, d'esse districto, sr. Ermano Ferreira da Costa.

— Vão ser postos em arrematação n'este mez, em praça simultanea, em Lisboa, Porto e Aveiro, os direitos de portagem da ponte de Angeja.

— A policia continua a dar caça aos moços de padeiro que vendem pão com falta de pezo. A camara de Lisboa tem feito uma boa colheita em multas d'esta procedencia.

— As festas de Santo Antonio não desmereceram nada das dos annos anteriores. Muita concorrencia á praça da Figueira, muitos descantes pelas ruas e sobre tudo muita paz e até muita ordem.

— Londres recebeu dignamente os bombeiros voluntarios do Porto que alli foram para fazer exercicios praticos de combate contra incendios. Os nossos compatriotas teem sido alli alvo das mais enthusiasticas venerações, havendo para elles as mais singulares demonstrações de apreço.

— O sr. ministro das obras publicas pensa na modificação da actual organisação hydraulica por forma a satisfazer as indicações dos homens mais competentes no assumpto. Assim a direcção passará de novo para Coimbra, á qual, como anteriormente, pertencerá a esse districto.

Y.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Estiveram no proximo domingo n'esta cidade, voltando em seguida ás suas casas de Cantanhede, a ex.ma sr.ª D. Gertrudes Augusta de Magalhães, e os srs. Alberto Ribeiro Dias da Costa e Pedro Pereira Barreto Barbosa. Suas ex.as foram aqui hospedes do nosso bom amigo sr. Izaac de Magalhães Mexia, e de sua ex.ma esposa.

Tambem aqui estiveram hontem os nossos amigos srs. Cezar Henriques de Seabra Rangel e Antonio Ferreira Duarte, d'Anadia.

— Tem passado incommodada, o que deveras sentimos, a ex.ma sr.ª D. Maria Carolina Ferreira, viuva do sr. Francisco Ferreira de Araujo Soares. Fazemos votos pelo prompto restabelecimento de tão estimavel senhora.

— Está actualmente em Carregosa o illustre prelado d'esta diocese. Levou-o alli de novo o estado grave de sua respeitabilissima mãe. Que tão preciosa existencia se salve é o que muito desejamos.

Baptisado.—Pelas 9 horas da manhã de segunda-feira ultima, realisou-se na parochial egreja da Vera-Cruz, d'esta cidade, o baptisado da interessante filhinha do nosso presado amigo e digno escrivão e tabellião da comarca, sr. Severiano Juvenal Ferreira. A neophita recebeu o nome de Maria José, como tributo de consideração e preito de sincera estima de sua mãe pela esposa do nosso prezado collega e amigo, sr. dr. Barboza de Magalhães, sendo padrinhos a ex.ma sr.ª D. Maria do Amparo de Vilhena Pereira da Cruz, virtuosa esposa do distincto medico nosso amigo, sr. dr. Pereira da Cruz, e Firmino de Vilhena.

Os nossos cordeaes parabens a seus bons paes, e os nossos votos mais sinceros *pela felicidade da recemnascida.*

Formatura. — Completou o seu curso de direito o nosso amigo, sr. José Carlos Machado Corte Real, a quem felicitamos cordealmente.

Consorcio.—Na egreja da Vera-Cruz, d'esta cidade, casou no domingo ultimo o sr. Henrique Rodrigues Limas, habil artista typographico, empregado na typographia do *Campeão*, com a sr.ª Anna Abrantes. O consorciado é um bello moço, caracter serio e honesto, trabalhador e intelligente, unindo os seus destinos a uma companheira que decerto saberá estimal-o e fazer a felicidade do lar. Assim o desejamos, e muito sinceramente.

Escola industrial. — Deve realisar-se no proximo domingo nos paços do concelho d'esta cidade uma reunião publica afim de se pedir ao governo a criação d'uma escola de desenho industrial. Parece que ha já promessa favoravel do sr. ministro das obras publicas dado o caso da camara prover aos encargos da installação da escola, a qual não traz novos encargos para o Estado pela forma em que se pensa em organisal-a.

Exames.—O jury dos exames de instrucção secundaria no lyceu d'Aveiro, na presente epoca, ficou constituido pela seguinte fórma:

Portuguez, srs. Alvaro de Moura Coutinho de Almeida d'Eça, Manuel Rodrigues Vieira, Ildeffonso Marques Mano.

Francez, srs. Manuel Gonçalves de Figueiredo, José Rodrigues Soares, Albino Dias Ladeira de Castro.

Inglez, srs, Alvaro de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça, José Rodrigues Soares, Albino Dias Ladeira de Castro.

Latim, srs. Manuel Gonçalves de Figueiredo, Albino Dias Ladeira de Castro, Manuel Rodrigues Vieira.

Geographia, historia e philosophia, srs. Elias Fernandes Pereira, Manuel Rodrigues Vieira, Ildefonso Marques Mano.

Mathematica, introducção e desenho, srs. João da Maia Romão, Elias Fernandes Pereira, Manuel Gonçalves de Figueiredo.

Litteratura portugueza, srs. Alvaro de Moura Coutinho de Almeida d'Eça, José Rodrigues Soares, Ildefonso Marques Mano.

Santo Antonio. — Não passou nem passará entre nós sem commemoração o thaumaturgo portuguez. Alguns devotos na noute de 12 do corrente, accenderam fogueiras em honra de Santo Antonio em diversos pontos da cidade. Em muitos estabelecimentos lá estava a imagem do santo no seu nicho, com flores, luzes e algumas ornamentações. Na praça do Commercio alguns individuos improvisaram uma distracção, celebrando assim a memoria de Santo Antonio, cuja imagem se achava no seu oratorio, cercada de bandeiras e luzes. Alli arderam algumas fogueiras, e a philarmonica *Amizade* tocou variadas peças, desde as 10 horas até á meia noute, o que attraiu muita gente áquelle local. N'outros, não faltaram descantes e danças.

Na egreja da invocação do mesmo santo tem havido a devota trezena, que tem sido muito concorrida. Acaba no sabbado e no domingo haverá a respectiva festividade. D'ella fallaremos em occasião opportuna.

No sabbado á noute haverá no largo, que fica proximo á egreja de Santo Antonio, illuminação e musica.

Uma pessoa devota mandou cantar hontem uma missa na egreja de Santo Antonio, em honra d'este santo. Foi celebrante o sr. padre Viriato de Souza Marques, digno vigario do culto divino da Ordem Terceira de S. Francisco, á qual á mesma egreja está entregue.

Um devoto mandou restaurar a imagem de Santo Antonio e concertar e pintar o respectivo altar, que fica sob a arcada, que dá ingresso para a egreja da mesma invocação, altar que pelo sitio, sempre se chamou de *Santo Antonio da Porta.* Este acto é muito digno de louvor.

Tambem sabemos que em algumas casas se tem rezado em familia a trezena de Santo Antonio e que a festividade de domingo será brilhante.

Tudo isto prova, que entre os aveirenses ainda ha muitas pessoas que se présam de ser devotas do thaumaturgo portuguez e ainda gostam de seguir as crenças religiosas dos seus antepassados, o que é muito honroso para Aveiro.

Theatro.—E' effectivamente no proximo domingo, 18 do corrente, que se realisa a recita em beneficio do cofre da *Associação aveirense de soccorros mutuos das classes laboriosas*, subindo á scena as comedias que já aqui annunciámos, e que nos dizem estão muito bem ensaiadas. A casa acha-se quasi toda passada, e por isso quem quizer assistir ao espectaculo, não deixe isso para muito tarde.

Tempo.—No sabbado esteve um calor insuportavel. No domingo quasi o mesmo. Na segunda-feira e hontem começou a horisonte a toldar-se e de madrugada cairam algumas chuvas, que refrescaram a athmosphera e muito beneficiaram os campos.

Trabalho no mar.—Foi ante-hontem e hontem menos productivo o trabalho no mar. Ante-hontem ainda produziu sardinha, que no mercado teve o preço de 1$200 réis o milheiro. Hontem apenas houve boqueirão e miudagem que pouco deu. O mar, porém, permanece bom e por isso o serviço de pesca continua.

Exames. — Começaram na segunda-feira no lyceu d'esta cidade os exames de instrucção secundaria, pelos de francez e geographia. Já houveram 4 addiamentos.

Abundancia.—Na segunda-feira o nosso mercado de peixe foi abundantemente surtido de bellos robalos, pescados á *mugeira.*

«O Elvense».—Este nosso distinctissimo collega alentejano entrou no XIX anno da sua publicação. Jornal de provincia serio e grave, que entra franca e conscientemente nas questões mais graves da publica administração, o contemporaneo tem direito ao acolhimento que tem sabido merecer, e nós por isso sincera e affectuosamente o felicitamos.

Attenção. — Chamamos a attenção dos srs. assignantes da *Vinha Portugueza* para o seguinte:

Tendo o sr. Antonio Pereira Alves publicado no numero de abril da «Vinha Portugueza» um artigo ácerca dos Enxofres Cupricos, a que a Companhia Portugueza Hygiene julga dever responder, para uma justa apreciação dos factos, e no proprio interesse da viticultura, e tendo a respectiva resposta sido enviada tarde, quando estava impresso o numero de maio da mesma publicação, a direcção da mesma companhia pede aos srs. assignantes da «Vinha Portugueza» o obsequio de enviarem o seu nome e endereço ao escriptorio da mesma companhia, Praça de D. Pedro, 50, 1.º afim de lhes ser remettido o seu Boletim d'este mez, no qual publica a referida resposta.

Grave desordem. — Contam d'Ovar que na sexta-feira ao escurecer se travou rijo combate entre os rapazes de S. Vicente de Pereira por um lado e entre os de Val-d'Agua de Vallega pelo outro. Não foi este o primeiro combate, pois já nas festas de S. Geraldo em Vallega e S. Guldroff de Guilhovae, os dois grupos se haviam provocado, mas passaram as provocações sem grandes offensas corporaes, ao menos que constem.

Já n'um n'outro recontro fóra dos arraiaes tambem os contendores haviam começado em chufas. E tudo isto trazia a sua origem no namorico com uma rapariga do logar da Soalheira, de S. Vicente. Ella dava *trela* ora a um rapaz de S. Vicente, ora a outro de Carvalho, de Vallega. Os rapazes de S. Vicente tomaram o partido do seu conterraneo — os de Carvalho e Val-d'Agua o do outro pretendente.

Dos *ditos* e das provocações passaram a ameaças. O logar do combate estava aprasado para o arraial de S. Geraldo; e o povo temendo desordem recorrera ao administrador do concelho para fazer policiar o arraial. O administrador mandou ao regedor de Vallega que policiasse o arraial, mas este nenhum caso fez das ordens recebidas. E foi devido á prudencia do nosso amigo sr. José Luiz Veiga que a desordem não teve logar.

Tambem para o arraial de sexta-feira foi requisitada policia. Não sabemos que ordens deu o sr. administrador do concelho; o que é facto é que nenhum policia compareceu no local, nem sequer alli foi visto o regedor da parochia. O arraial estava a dissolver-se e ainda se viam os dois grupos frente a frente. Ao sul os de Vallega, ao norte os de S. Vicente. Os *ditos* principiaram a proposito dos balões. Quando os de Vallega se retiravam pela viella contigua á casa do sr. João d'Oliveira Santos, os de S. Vicente dirigiram sobre os de Vallega algumas pedradas. Estes, encurrallados na viella, que tem largura approximada a tres metros, não podiam desenvolver a sua força e por isso tomaram a offensiva, voltando sobre os de S. Vicente. Começou então uma desordem temivel, no principio a cacete, depois a tiro. Trocaram-se dezenas de ballas e o fogo foi sustentado durante muito tempo.

Por emquanto, sabe-se apenas que estão mortos, á balla, José Duarte de Bastello, de Vallega, e um outro de S. Martinho da Gandara; e feridos, Manuel Seifão, de Guilhovae, e um irmão, e a mulher de Francisco Carvalho. Consta que muitas outras pessoas estão feridas. E' de notar que a maior parte dos feridos e o primeiro morto nada tinham com os desafios e encontraram-se no local da desordem por mero accaso.

No sabbado foram feitos exames pelo poder judicial ao fallecido na comarca e a tres dos feridos. Serviram de peritos os srs. drs. João Valente da Costa e João Maria Lopes.

Esta desordem causou impressão profunda na villa e logares circumvisinhos. Oxalá se apurem bem as responsabilidades para que os criminosos sejam devidamente castigados. Se isto não succeder, brevemente se travarão novas e violentas rixas, pondo o concelho e a comarca em situação anormal. E' corrente em S. Vicente que ninguem soffrerá pena alguma por ser ...«povo junto». Ora é preciso que a lenda se desfaça por uma vez.

Segundo ouvimos dizer, effectuaram-se, no local do conflicto varias prisões, porém que dois ou tres dos presos foram soltos por um dos filhos do regedor. A auctoridade administrativa participou logo o facto para o poder judicial e começou o processo de investigação policial.

No sabbado foram prezos 6 individuos de S. Vicente, e alguns de Vallega e d'aquella freguezia, estando actualmente nas cadeias da villa 14 presos. Muita gente se tem admirado de que sendo presos tantos dos contendores ainda se não achem na cadeia os filhos do regedor de S. Vicente, que são apontados como implicados no crime. Esperamos que o sr. administrador do concelho saberá cumprir com os seus deveres, sem se importar das relações de dependencia do seu subordinado, nem de quaesquer imposições. Se os filhos do regedor de S. Vicente effectivamente entraram na desordem ou por qualquer modo a auxiliaram, é justo que paguem como esses que estão presos. Se elles foram culpados debalde a auctoridade administrativa os deixará no escuro. Acima do sr. administrador do concelho, está o poder judicial para fazer justiça a todos.

Diz o nosso collega *Ovarense.*

Fallecimento.—Falleceu no Porto um dos commerciantes mais conhecidos alli e no norte do paiz — tão honrado nome tinha. O sr. José Duarte d'Oliveira já não vive. Depois d'uma molestia que por bastan tetempo o deteve no leito, succumbiu emfim aos effeitos d'ella. Não morreu velho, pois que não tinha completado ainda 80 annos de edade.

As thermas de Luzo.—Estão em plena exploração as thermas de Luzo. A concorrencia de banhistas alli é já muito crescida, achando repleto de hospedes o afamado e importante hotel Serra.

Visita estranha—Uma cobra.—Na povoação do Cadaval, concelho de Agueda, deu-se a semana passada o seguinte extraordinario caso. Thereza Alvara achava-se deitada na cama com uma sua filhita, a quem amamentava. Alta noite sentiu no leito movimento extraordinario, e, levantando o corpo, deixou o novamente cair. O seu peso, porem, magoou uma respeitavel cobra, que surrateiramente se havia introduzido por entre os lençoes. O terrivel ophidiano, fulo, não esteve com mais: prega duas boas mordeduras na mãe e filha. Pode fazer-se idéa do enorme reboliço a que deram azo as duas mordidas. Acudiu bastante gente, que ainda viram o nojento reptil esgueirar-se pelo buraco da parede, por onde provavelmente havia entrado.

Notavel.—Na Figueira da Foz houve em todo o mez de maio apenas dois obitos que se verificaram em um velho de 70 annos e n'uma criança de dois mezes. Vemos isto escripto. A veracidade do caso custa a acreditar.

A pesca no Algarve.—Diz um collega nosso d'alli que a pesca do atum, de direito, pode considerar-se terminada por este anno. A producção d'ella foi muito rasoavel, pois que as differentes armações pescaram o seguinte: A do *Cabo de Santa Maria* 3:351 atuns e 899 atuarros. A do *Ramalhete* 3:135 atuns e 581 atuarros. A do *Forte Novo* 3:300 atuns e 1:079 atuarros. A do *Carvoeiro* 499 atuns e 264 atuarros. A da *Pedra da Galé* 1:552 atuns e 550 atuarros.

Tem havido alli muitas pescadas, o que fez baixar bastante o preço d'esta especie.

Cunhagem de dinheiro portuguez.—Segundo o relatorio da casa da moeda, sobe a réis, 32.645:772$290, a importancia do dinheiro amoedado, em ouro, prata e bronze, desde 1854 até 31 de dezembro de 1892. Esta totalidade divide-se nas seguintes especies 7.950:002$000 réis, em ouro, 22.277:436$400 réis, em prata, e 2.418:333$890 em bronze.

O ouro em circulação, cuja cunhagem começou em 29 de julho de 1854, foi amoedado da seguinte fórma:

Em moedas de 10$000 réis.....	1.331:030$000
Em moedas de 5$000 réis.....	4.889:510$000
Em moedas de 2$000 réis.....	1.161:400$000
Em moedas de 1$000 réis.....	68:057$000
	7.950:002$000

A amoedação da prata corrente, que data de 1 de agosto de 1854, fez-se n'estas especies:

Em moedas de 500 réis.....	18.788:585$000
Em moedas de 200 réis.....	2.597:019$000
Em moedas de 100 réis.....	747:270$000
Em moedas de 50 réis.....	144:322$200
	22.277:436$400

E a do cobre em curso, que começou em 31 de maio de 1882, foi a seguinte:

Em moedas de 20 réis.....	1.739:550$000
Em moedas de 10 réis.....	574:083$890
Em moedas de 5 réis.....	104:700$000
	2.418:333$890

Despachos eclesiasticos e de justiça.—Verificaram-se os seguintes:

Presbytero Alfredo Paes de Almeida Mamede—apresentado na egreja parochial de S. Thiago a par de Ceia, no concelho de Ceia, diocese da Guarda.

Agostinho Monteiro Pinto Brandão e bachareis Manuel José de Sousa Gomes e Joaquim de Vasconcellos Mendes de Carvalho, primeiro, segundo e quarto substitutos do juiz de direito da comarca de Amarante—exonerados, sob proposta da presidencia da relação do Porto.

Bacharel Miguel Pinto Martins, Domingos Teixeira Barbosa e Francisco Augusto da Cunha Brandão—nomeados para servirem no corrente anno, e segundo a ordem das suas nomeações, os cargos de primeiro, segundo e quarto substitutos do juiz de direito da da comarca de Amarante.

Francisco de Assis Barreto—exonerado, como requereu, do cargo de quarto substituto do juiz de direito da comarca de Benavente.

Bacharel Annibal Augusto da Fonseca Magalhães Coelho, delegado do procurador regio na comarca de Beja—transferido para identico logar na comarca de Grandola.

Bacharel Francisco Nunes da Costa Torres, delegado do procurador regio na comarca de Grandola—transferido para identico logar na comarca de Moura.

José Esteves—nomeado escrivão do juizo de paz do districto de Riba de Mouro, na comarca de Monsão.

Virgilio Augusto de Sousa Magalhães—confirmada a sua nomeação para solicitador na comarca de Lisboa.

José Mendes de Abreu—idem pára a comarca de Vianna do Castello.

A exposição de Chicago.—A crise financeira tão temida, causada pelo desastre resultante da Feira do Mundo, rebentou já em Chicago! Varios bancos e emprezas importantes que estavam sériamente compromettidas no exito da exposição, declararam-se officialmente em quebra.

O panico declarou-se no acto do mercado. Uma porção de estabelecimentos de credito viram-se obrigados a ter abertas as suas portas até ás 12 horas da noite, porque o publico, aterrado, invadiu os escriptorios e formou grandes caudas para retirar os depositos que tinham n'aquelles bancos e que suspeitavam estar compromettidos nas quebras já declaradas.

A excitação de todos os depositantes era grande e continua.

Receia-se que, em consequencia dos primeiros desastres e da retirada geral dos fundos depositados nos bancos, se declararão d'um momento para o outro mais quebras.

Concurso de estudantes.—Acham-se a concurso pelo espaço de 15 dias, que decorrem desde 10 do corrente, dois logares de pensionistas, que a Santa Casa da Misericordia de Coimbra vae prover pelo legado do bemfeitor bacharel Simão José da Luz Soriano. Os concorrentes aos logares tem de apresentar na secretaria da Santa Casa, dentro do referido praso os seus requerimentos, nos quaes devem declarar a faculdade da Universidade que já frequentarem, ou em que pretendem matricular-se no proximo anno lectivo, e para cuja matricula se achem já legalmente habilitados, a que devem juntar os attestados e documentos que provem a sua capacidade e talento, pobreza e boa conducta moral e civil, apresentando as certidões de todos os exames e actos que tenham feito, e das distincções, *accessits* ou premios que tiverem obtido. Os que forem providos tem direito á prestação de 15$000 réis mensaes, matriculas e livros, e 100$000 réis concluindo que seja o seu curso. Não podem mudar de curso para outro, conservando a pensão.

Tambem ficam obrigados a apresentar á administração da Santa Casa todos os annos, antes de findar o mez agosto, a certidão authentica do resultado dos actos ou exames que fizerem das materias do anno, que frequentarem no seu respectivo curso, e attestações da sua boa conducta passada pelos respectivos lentes, ou pelas respectivas auctoridades administrativas.

Egrejas a concurso.—Está aberto concurso para provimento das seguintes egrejas parochiaes:

Arcos, S. Jorge, concelho dos Arcos de Valle de Vez; Armil, S. Martinho, concelho de Fafe; Celorico, Santa Maria, Celorico da Beira; Fradellos, S. Martinho, Ponte de Lima; Gouveia S. Matheus, Thomar; Medas, Santa Maria, Gondomar; Melgaço, Santa Maria da Porta, Melgaço; Pousada, S. Paio, Braga; Proselho, Santa Marinha, Arcos de Valle de Vez; Talmo e Fradellos, S. Bartholomeu, Braga; Vimieiro, Santa Anna, Braga.

Modas. — Do *Mundo Elegante*, excellente jornal de modas que se publica em Paris, e de que é directora madame Blanche de Mireboug e editor o sr. Antonio de Souza, extractamos o seguinte:

«Decidamente e graças á boa vontade das elegantes, a saia *bolonnée* é um assumpto de que já pouco se falla. A maioria dos jornaes de modas que defendiam esse modêlo começam a ligar-lhe pouca importancia convencidos de que contra a vontade do bello sexo não ha que luctar. Hoje esses jornaes são obrigados a confessar a sua insufficiencia e a declararem-se vencidos pela maioria das suas leitoras. A ideia começou pela saia com muita amplidão em feitio guarda-chuva na parte superior, e em muitos outros modêlos no mesmo genero, resultando d'ahi que para a saia balão havia uma pequena distancia. Para qualquer d'essas saias, porém, eram necessarios quasi tantos metros de tecido como para um vestido completo, o que francamente, não tem nada de economico. Além d'isso, a saia com essa grande largura é muito difficil de apanhar e outro tanto succederia á saia balão. Parece-me, portanto, que a saia muito larga vai dentro em pouco dar o lugar á saia commum que se fazia ultimamente. Torna-se muito mais prático e bonito este modêlo, ligeiramente enviezado, curto, não impedindo os movimentos e não fatigando os braços, deixando-lhe toda a liberdade. Por este motivo já as elegantes destruiram o uso da cauda para as *toilettes* de passeio, e essa moda figura hoje simplesmente nas *toilettes* de baile e cerimonia. As elegantes devem ter a coragem e força necessaria para impôr a sua vontade, pois que assim conseguirão que a moda baseando-se no bom senso, não exaggere os modêlos. Os corpinhos mais *coquets* e graciosos são guarnecidos de renda, formando *berthe*, bandas ou jockeys, dando a uma mulher alta e delgada uma elegancia e uma certa amplidão no peito que a faz tornar mais esbelta, mais graciosa na cintura e nos movimentos. A *écharpe* está sendo adoptada com grande *successo* feita em renda, em *surah* ou em fazenda similhante ao vestido, mas este ultimo genero é o menos vulgar. Esse *successo* é manifestado pelo facto que se dá de muitas senhoras não gostarem de sahir em corpo e este singelo supplemento, muito pavoroso e ligeiro, transforma completamente a *toilette*.

As senhoras que não gostam das côres claras pódem adoptar a *écharpe* em *surah* ou seda preta guarnecida de renda, o que é um bonito accessorio da *toilette* e muito elegante.

As guarnições vão-se tornando cada vez mais phantasistas e estapafurdias, mas eu não posso senão recommendar-lhes a harmonia seja nas *toilettes* apparatosas ou nas de baile.

Para a rua, é necessario escolher um genero simples. Os vestigos guarnecidos simplesmente com pequenos folhos, viezes de velludo e entremeios collocados em quatro, cinco e seis ordens a distancias e larguras graduadas, são os modêlos mais adoptados e o que mais se verá até ao inverno. As rendas estão mais do que nunca na ordem do dia e são um dos elementos essenciaes da *toilette* ellegante. Encontram-se um pouco adaptadas a todos os modêlos, seja guarnecendo um simples vestido de interior, como nas *toilettes* de noiva, nos costumes de passeio, e nas ricas *toilettes* de baile.

A luva continúa a usar-se bastante comprida e em *peau de suéde*. Para a noute usa-se a luva clara, de dia a côr escura. A luva de pellica, *gris* muito pallido ou branca, usa-se sómente para *toilette* de visita ou ceremonia. A luva de seda só se adopta para passeio ou corridas.

Nos chapéus a variedade continúa a ser extraordinaria. Não ha modêlo perfeitamente determinado: tudo o que se faz e que a phantasia póde produzir no genero se adopta. Há modêlos que parecendo um simples e singelo enfeite para a cabeça, ficam adoravelmente e dão uma certa graça e *cachet* que se não pódem descrever. Nas capotas, porém, o *successo* é para as contas, fingindo pérolas, que compõem a copa e sobre ella uma corôa de rosas, um *bouquet* de violetas e mimosas com azas em vidrilhos ou em renda, tornam um modêlo encantador. Tanto nos chapéus como capotas, a questão principal é possuir gôsto e saber dispôr bem as guarnições.

No calçado pouco ou nada ha que dizer, porque este assumpto da *toilette* feminina não muda facilmente. O modêlo adoptado pela elegancia é a botina ou sapato em pellica muito fina com salto baixo. Para passeio ao campo e até mesmo na cidade a moda manda usar o sapatinho ou a botina amarella. E tratando-se de uma questão da moda, vê-se já no calçado d'este genero o amarello em varios tons.

As elegantes, essas que dão o tom á moda, adoptam então o sapatinho em couro ou pellica muito fina, n'uma côr cinzenta clara, e outra n'uma especie de amarello torrado, quasi avermelhado. O calçado com bico aguçado começa a perder de moda, o que não deixa de ser agradavel para muitas senhoras—*Blanche de Mirebourg.*»

A exposição de Chicago.—O dia 8 foi, effectivamente designado como «dia da princeza na exposição de Chicago». A infanta D. Eulalia ainda não tinha estado na exposição e para a sua primeira visita fizeram-se enormes preparativos, não se poupando despeza de qualidade alguma. Logo de manhã, a principal authoridade de Chicago apresentou-se no Palmer's Hotel para acompanhar os infantes hespanhoes na sua visita official á exposição. Os infantes entraram para uma carruagem tirada a duas parelhas, sendo acompanhados por outros trens e por uma escolta de cavallaria. Pelas ruas a multidão era immensa, e desde que appareceu a infanta D. Eulalia, toda aquella gente prorompeu em uma ovação como nunca se vira em Chicago, e que nem por um momento cessou desde o hotel até á exposição. Quando os infantes chegaram á entrada da exposição, foram recebidos pela direcção, chefes das secções, a commissão de senhoras, etc. Dentro da exposição a multidão era tão densa como nas ruas. Os infantes visitaram algumas secções da exposição. No Palacio da Mulher, a infanta D. Eulalia foi objecto de acclamações verdadeiramente delirantes.

Morte de dois officiaes.—No campo de tiro de Massillan, proximo a Nimes, França, onde fazia exercicios o 19 regimento de artilheria, occorreu uma terrivel catastrophe que privou da vida dois officiaes. Foi o caso que no momento em que se disparava uma peça de 138 milimetros de diametro, a culatra d'esta sahiu do seu logar, foi bater no solo e recocheteando foi matar a 120 metros de distancia o major Mayol de Luppé e o alferes Gallois. Os dois officiaes tiveram uma morte rapida. O major Mayol ficou decapitado. A cabeça foi desfeita em mil bocados, espalhados em todas as direcções. O alferes ficou com o craneo despedaçado, e a parte superior do corpo estava transformada n'uma enorme chaga. Este official despedia-se do major quando foi ferido. Por felicidade nenhum dos serventes soffreu coisa alguma. Os dois infelizes eram muito estimados no regimento, e toda a cidade de Nimes sentiu extraordinariamente a sua morte.

Aos rheumaticos.—Uma gazeta scientifica estrangeira publica a seguinte curiosa informação que interessa a muita gente:

«Um medico inglez acaba de declarar que obteve a cura completa do rheumatismo com o alpo, tomando-o em abundancia. O costume de comer crú este legume não deixa experimentar as suas virtudes therapeuticas. Deve-se cortal-o em boccados, fervel-os até que se tornem moles e bebei depois a agua em que tiveram sido fervidos. Alem d'isso, é preciso misturar leite com alguma farinha e noz moscada, deitar tudo em uma vasilha ou caçarola com o alpo fervido e fatias de pão e comel-o, querendo com batatas. Toda a affecção rheumatica, segundo o medico inglez, desapparecerá com o uso do aipo assim preparado.»

Descoberta importante.—O illustre professor francez dr. Guyon communicou á Academia das Sciencias de Paris uma nota do dr. Just Championniére, relativa a certas precauções que os cirurgiões devem tomar antes de submetter os seus doentes a qualquer operação grave. A acção do escalpello, nota o dr. Championniére, predispõe os pacientes a senetar mais uréa que os individuos em plena saude. Esta observação tem muito valor porque permitte ao cirurgião o saber, graças a um simples exame medico dos rins do doente, se póde ou não operar sem perigo. Na mesma sessão o sr. Moissan communicou á Academia os bellos resultados das suas ultimas experiencias ssbre a fusibilidade dos corpos chamados refractarios, o que tem uma grande importancia, não só sob o ponto de vista chimico, como tambem da preparação pratica de certos metaes raros.

Theatro encendiado.—Em Nimes um terrivel incendio destruiu completamente o theatro-cncerto da Scala. Era uma hora da madrugada quando alguns transeuntes viram sahir uma espessa fumarada pelo telhado. Immediatamente gritaram por soccorro e foram prevenir a policia e os bombeiros. Entretanto as pessoas que viviam no theatro sahiam apavoradas do edificio, já envolvido pelas chammas por todos os lados. Apezar da prontidão dos soccorros, o encendio alastrou com medonha rapidez e o theatro foi completamente destruido, ficando apenas de pé a frontaria, Não houve vitimas, mas as perdas materiaes são consideraveis. O theatro da Scala já tinha sido destruido por um encencio em 1885.

Expedição scientifica.—Vai brevemente partir para a China uma expedição scientifica organisada pela Sociedade Imperial Russa de Geographia e o ministro da guerra da Russia. Esta expedição terá por chefe o capitão Romborowsky, e visitará diversas provincias do Celeste Imperio durante um anno, entregando-se a differentes trabalhos de meteoralogia, astronomia, geologia, botanica e ethnographia.

Terrivel incendio. — Communicam de New-York que um terrivel incendio assolou a cidade de Fargo, no Estado da Dakota. A parte central da cidade, onde se achavam estabelecidos os Bancos, casas de commercio e bancarias e as repartições publicas, ficou destruida quasi completamente. Mais de duas mil pessoas ficaram sem casa. As perdas materiaes passam de 3.000:000$000.

O presidente Carnote em Bruxellas.—Dizem de Bruxellas que se falla n'aquella capital de uma visita do presidente da republica franceza á côrte da Belgica, por occasião da sua viagem a Lille, que deve realisar-se no mez de agosto. No caso de se verificar esta visita o rei Leopoldo mandará um enviado especial a Lille e receberá o chefe do Estado francez com todas as honras devidas.

As tarifas aduaneiras francezas.— Um jornal de Pariz diz que desde que foram postas em vigor as novas tarifas aduaneiras francezas, o rendimento da alfandega do Havre tem diminuido de um modo colossal. Para o comprovar acrescenta que durante o mez de maio ultimo a alfandega rendeu 5.381:301 francos, quando em igual mez do anno de 1892 o seu rendimento fôra de 9.036:186, havendo, portanto, uma diminuição de 3.654:885 francos.

A medicina no estrangeiro.—O governo russo pensa em fixar por um decreto os honorarios dos medicos. A este respeito, uma nota curiosa dos preços mais elevados por que teem sido pagos tratamentos de doentes célebres. Na Russia a grande Catharina mandou ir á sua côrte o célebre dr. Dunsdale para a vaccinar—pois a vaccina acabava de ser descoberta por Jenner—e pagou-lhe pelo seu trabalho 45 contos de rs. 9 contos pelas despesas de viagem, e além d'isso deu-lhe o seu retrato, os titulos de barão, de conselheiro d'estado, e de medico particular de Sua Magestade Imperial, e ainda mais uma pensão annual vitalicia de 2:500$000 réis.

O dr. Sachin, da Univirsidade de Moscow, recebeu por curar o famoso millionario Tereschtschubs, de Kiew a quantia de 14:000 rublos, e 2:000 para o seu ajudante.

O nababo de Rampour pagou ao medico ingrez major Frezer, por têl-o curado do rheumatismo em trez mezes de tratamento a quantia 45 contos.

O professor Charcot recebeu, por tratar o imperador do Brazil, a commenda da Rosa, e 9 contos de reis.

O dr. inglez Russel Rsynolds ganhou ha mezes por ir de Londres a Bournebuth certeficar-se, por conta do governo francez. do estado de saude do célebre Cornelius Herz, a quantia de 3:600$000 réis, que lhe foi paga pelo embaixador francez em Londres.

O calculador Inaudi. O leitor ainda ha-de estar lembrado do célebre calculador Inaudi que, pela rapidez dos calculos mais difficeis, chegou a encher de surpreza os proprios membros da Academia Franceza. Ora, Inaudi foi ultimamente desafiado por um jornalista inglez. que affirmava fazer ainda mais rapidamente qualquer calculo. Inaudi acceitou o desafio, mas o jornalista inglez desistiu da aposta, ficando Inaudi senhor do terreno, com grande desespero de alguns membros do Stock Exchange, de Londres, que já tinham feito varias apostas sobre o resultado do curioso certamen.

Sardou e a Bastilha.—O célebre dramaturgo francez Victorien Sardou pôz á disposição do director do theatro da Porte Sainte-Martin a fim de serem expostos no *foyer* do mesmo theatro, os seguintes objectos: Uma corda com nós e um sacco que serviram para a célebre Latude evadir-se da Bastilha; um grande quadro representando a famosa prisão do Estado e diversas plantas e gravuras todas relativas á Bastilha. Todos estes objectos, colligidos por Sardon, fazem parte diz o *Figaro*, da rarissima collecção de recordações da Revolução, que o destincto dramaturgo reuniu com grande trabalho.

Explosão de polvora.—No dia 4 atravessava Kirn, villa do districto allemão de Coblenz, um carro de polvora, quando por um accidente qualquer fez explosão no centro mesmo da povoação. Ficaram mortas duas pessoas, tres gravemente feridas e dez mais levemente. Por causa da explosão ficaram damnificadas umas trinta casas.

DOCUMENTOS HISTORICOS

O QUE FOMOS E O QUE SOMOS!

Cartas do marquez de Pombal, sendo conde de Oeiras, a lord Chatam, pedindo satisfação por se ter queimado uma esquadra franceza, na costa do Algarve, junto a Logos.

CARTA 1.ª

«Eu sei que o vosso gabinete tem tomado um imperio sobre o nosso; mas sei tambem que já é tempo de o acabar. Se meus predecessores tiveram a fraqueza de vos conceder tudo quanto quereis, eu nunca vos concederei senão o que devo. E' esta a minha ultima resolução: regulai-vos por ella.—*Conde de Oeiras.*

CARTA 2.ª

Eu rogo a V. E. que me não faça lembrar das condescendencias que o governo portuguez ha tido com o governo britanico: ellas são taes, que não sei que potencia alguma as haja tido semelhantes com outra. Era justo que esta autoridade acabasse alguma vez, e que fizessemos ver a toda a Europa que tinhamos sacudido um jugo estrangeiro. Não o podemos melhor provar do que pedindo ao vosso governo uma satisfação que por nenhum direito nos deve negar. A França nos consideraria no estado de maior fraqueza, se lhe não dessemos alguma razão do estrago que soffreu a sua esquadra em nossas costas maritimas, onde por todos os principios se devia julgar em segurança.—*Conde de Oeiras.*

CARTA 3.ª

Vós fazieis bem pequena figura na Europa quando nós já a faziamos mui grande. Vossa ilha apenas formava um pequeno ponto sobre a carta geographica, ao passo que Portugal quasi a enchia toda com o seu nome. Nós dominavamos em Asia, Africa, e America, e entre tanto vós não dominaveis se não em uma pobre ilha da Europa: vosso poder era do numero d'aquelles que só podiam aspirar aos da segunda ordem; mas por os meios que vos temos dado podestes elevar-vos a potencia de primeira ordem. Vossa fraqueza phisica vos privava de estender vosso dominio além dos limites da vossa ilha: porque para fazer conquistas vos era necessaria uma grande armada; mas para ter uma grande armada é preciso poder-lhe pagar, e vós não tinheis o numerario para isso.

Os que tiverem calculado vossas qualidades naturaes no tempo da grande revolução da Europa devem ter visto que não tinheis então com que sustentar seis regimentos de infanteria. Nem o mar, que se pode reputar vosso elemento, vos offerecia então maiores recursos: apenas podeis equipar vinte navios de guerra. Ha cincoenta annos a esta parte tendes tirado de Portugal mil e quinhentos milhões, somma enorme, e tal, que a historia não apponte igual com que uma só nação tenha enrequecido outra. O modo de haver estes thesouros vos tem sido mais favoravel ainda que os mesmos thesouros: porque é por meio das artes que Inglaterra se tem tornado senhora de nossas minas, e nos despoja regularmente de seu producto. Um mez depois que a frota do Brazil chega, já d'ella não ha uma só moeda de oiro em Portugal; grande utilidade para Inglaterra, pois que continuamente augmenta sua riqueza numeraria; e a prova é que a maior parte de seus pagamentos do banco se fazem com o nosso oiro, por effeito de uma estupidez nossa, de que não ha exemplo em toda a historia universal do mundo economico. Assim permittimos nós que nos mandeis nosso vistido, bem como todos os objectos de luxo, que não é pouco consideravel; e assim damos emprego a quinhentos mil vassallos d'el-rei George, população que á nossa custa se sustenta na Inglaterra. Tambem são nossos campos os que nos sustentam: e são vossos lavradores os que substituem os nossos, quando em tempos antigos era-mos nós quem vos fornecia os mantimentos; mas a razão é que emquanto vós roteaveis vossas terras, deixava-mos nós ficar a nossa sem cultura. Com tudo se nós somos os que vos temos elevado ao maior grau da vossa grandeza, tambem nós somos os unicos que d'ella vos podemos derribar. Muito melhor podemos nós passar sem vós do que vós podeis passar sem nós: uma só lei póde transtornar vosso poder, e diminuir vosso imperio, Não temos mais do que prohibir com pena de morte a saida de nosso oiro e elle não sairá.

Verdade é que a isto podeis responder-me, que apesar de todas as prohibições, elle sempre sairá como tem saido, porque vossos navios de guerra tem o privilegio de não serem registrados na sua saida; mas não vos enganeis com isso: se eu fiz com que se degolasse um duque d'Aveiro, porque attentou contra a vida del-rei, mais facilmente farei enforcar um dos vossos capitães por levar sua effigie contra o determinado por a lei. Ha tempos em que nas monarchias um só homem póde muito. Vós sabeis que Cromwell, em qualidades de protector da republica ingleza, fez morrer o irmão do embaixador del-rei Fidelissimo: sem ser Cromwell eu me sinto tambem com poder de imitar o seu exemplo, em qualidade de ministro protector de Portugal. Fazei logo o que deveis, que eu não farei tudo quanto posso. Em que viria a parar a Gram-Bretanha se por uma vez se lhe cortassem as fontes das riquezas da America? Como pagaria ella suas tropas de terra e de mar; e como daria a seu soberano os meios de viver com o explendor de um grande rei? E mais ainda, d'onde tiraria ella os subsidios com que paga ás potencias estrangeiras para appoiarem a sua?

Um milhão de vassallos inglezes perderia em um momento a sua subsistencia se de repente para elles acabasse a mão de obra de que se sustentam, e o reino de Inglaterra passaria por certo a grande estado de miseria, se esta origem de riqueza lhe faltasse. Portugal não precisa de mais que regular seu sustento: e fazendo-o assim, a quarta parte de Inglaterra morrerá de fome. Bem verdade é que me podeis dizer que a ordem das cousas não se muda tão facilmente como se diz: e que um sistema estabelecido, depois de muitos annos não se muda em uma hora: assim é; porem posso-vos responder, que não deixando eu perder a occasião opportuna de preparar esta reforma, não me é difficil no entanto estabelecer um plano de economia que conduza ao mesmo fim. Ha muito tempo que a França nos convida para lhe receber-mos, que será das vossas?

Tambem a Barbaria, que abunda em trigos, nol-os póde fornecer por o mesmo preço; e então vereis com extrema magoa como vossa marinha gradualmente se extingue. Voz, que tão versado sois na politica do Ministerio, sabeis muito bem que a marinha mercante é o viveiro de officiaes e maruja da marinha real, e que só com esta e aquella tendes feito toda a vossa grandeza.

A satisfação que vos peço é conforme com o direito das gentes. Succede todos os dias que os officiaes de mar e terra façam por zelo ou ignorancia o que não deviam fazer: é portanto a nós que pertence o punil-os, e fazer emendar e remediar os damnos que elles tem causado. Nem se deve julgar que estas reparações ficam mal ao Estado que as fa[illegible] contrario, sempre é mais bem estimada aquella nação que de boamente se presta a fazer tudo o que é justo. Da boa opinião dependeu sempre o poder e a força das nações.—*Conde de Oeiras.*»

Estas tres cartas veem publicadas no *Campeão Portuguez*, periodico que quinzenalmente e depois mensalmente se se publicava em Londres, nos annos de 1819 e 1820 e de que era redactor José Liberato Freire de Carvalho. Em nota, que está no fim da ultima carta, se lê que «el-rei de Inglaterra mandou um embaixador extraordinario a Lisbo para dar a satisfação pedida.»

Grande homem foi o marquez de Pombal que tanto engrandeceu este pequeno paiz. Pena é que a crueldade, que tanto uzo fez, lhe escureca, em parte, tanta gloria. Desculpam-no com o costume da epocha; embora, foi cruel de mais.

José Pinto da Silva Ventura.

ESPINHO E AS OUTRAS PRAIAS

Biarritz é a praia, o ponto centrico, o *hig lif*, onde se juntam os francezes e hespanhoes, para fazer de um deserto um paraiso ameno, de uma extensa planicie um jardim sem flores, de uma meseta escuálida um perfumado Edem. Villagracia, na Hespanha, aporta milheiros de banhistas e S. Sebastião é o ponto aonde concorre a familia real, desprezando os tanques do Retiro, o passeio de Recoletos, e áquem-mar, a preciosa quinta da Duqueza de Medina das Torres, o anfitheatro de Vigo, os areaes de S. Lucas, as aprazíveis margens do Mediterraneo, sem fixar-se que, a menor distancia, temos outra praia que devemos proteger, outro paraiso que devemos apreciar, outro Edem que não devemos perder, e, por conseguinte que devemos levantar, por ser irmã, por agasalhar-nos com suas caricias, por querer-nos e por apreciar-nos de maneira que outro que não seja irmão o podesse fazer.

Espinho, sim, Espinho; onde os hespanhoes acharam sempre acolhimento perfeito e carinhoso; onde não perderam meios de comprazer aos queridos irmãos; onde sempre se fez notar no generoso braço do cavalleiro do povo, com o não menos generoso do cavalheiro aristocratico; onde o modesto habitante da aldeia se perde entre a multidão dos habitantes da cidade; onde é igual o burguez ao proletario; onde o homem se mede pela dignidade e nunca pelo dinheiro; onde os portuguezes são iguaes aos hespanhoes, estes aos francezes, estes aos que cheguem desde os mais arredados confins do mundo. Esta praia, eminentemente democratica, respeita mais ao estrangeiro que ao proprio nacional. Os portuguezes são assim! Conhecem-se uns aos outros; mas querem que os estrangeiros os conheçam como cavalheiros que o são, como dignos, honrados e desinteressados.

Ha muito que estudar em Portugal. Póde ser o caracter mais mysterioso do mundo; porém, tambem é o mais franco, o digno de mais louvor, o mais caridoso, o mais penetrante, o mais difficil de enganar, embora seja o mais facil de sujeitar á caridade. Isto acontece um Espinho. Os estrangeiros devem sabel-o por experiencia, como tambem os lisbonenses o sabem por prática.

Não sou suspeito, porque sou hespanhol, e portanto posso fallar sinceramente. Tanto os das provincias da Beira Alta e Baixa, como os do Norte do Alemtejo, como os do Douro, Minho e Traz os Montes, como os da Extremadura hespanhola, como os de Castella a Nova, como os das provincias de Leon, Zamora e Salamanca, concorrem a Espinho. Porque é isso?... Porque comprehendem perfeitamente que é uma das melhores paias da Europa, porque diffundiram entre todos os paisanos o verdadeiro preconceito das praias, o pleno conhecimento das margens do Atlantico.

Este anno já empezam; apezar de nos acharmos nos primeiros dias de junho, as familias hespanholas começam a chegar. Já temos algumas e es-

---

122 **FOLHETIM**

PEREZ ESCRICH

OS CRENTES

TRADUCÇÃO

XIII PARTE

A MUSICA, O AMOR E O JOGO

XII

ONDE O VELHO TIRA A MASCARA

— Agora, cavalheiro basta de lagrimas, de sustos e sobresaltos; estamos sós, e vamos fallar sem rodeios—disse Fanny em voz alta e gesto energico, depois de pequena pausa.

— Estimo muito que tome essa resolução, porque ella nos hade levar a bom terreno.

— Assim o espero.

— Eu tambem. Desde que vim ao mundo, e note que sou bastante velho, o meu unico cuidado reduz-se a ser o amigo do genero humano. Deus sabe que desejo tambem ser seu amigo, senhora.

— Para isso começou mal a primeira entrevista.

— Senhora, no mundo, a pobre creatura está sujeita a erros e erros graves. Ora veja: eu, quando me encaminhava para esta casa com as cartas que v. ex.ª dirigiu a Raphael, vinha dizendo commigo: Fanny Ratt vae agradecer-me deveras esta visita, que póde salval-a. Não succedeu assim, sinto bastante, paciencia.

E D. Isidoro suspirou, como se pretendesse lamentar-se da ingratidão de Fanny.

— Acabemos, acabemos! O que é que pretende em troca d'essa carta?

A D. Iisidoro não convinha que os amores de Fanny e Raphael terminassem, pois retorquiu d'este modo:

— Antes de responder a essa pergunta, devo fazer uma declaração para que cada uma occupe o logar que lhe compete.

Fanny deixou-se cahir no sophá, com um gesto de impaciencia.

O velho proseguiu:

— A senhora ignora, sem duvida, que existe em Paris uma sociedade de homens honrados, que, sob o titulo de *Os protectores dos maridos*, trata de descobrir aventuras amorosas de certas mulheres casadas, que faltando aos seus deveres sacrificam, por um passageiro capricho, a honra d'aquelle que lhe concedeu o seu nome, que lhe presta o fructo do seu trabalho, que lhe entrega o coração.

— Oh! essa sociedade é muito philantropica... ignorava a existencia d'ella—disse Fanny procurando sorrir-se.

— Bem se vê; do contrario, conhecendo o genio forte e caracter ciumento do sr. de Tapulca, não teria sido tão pouco precavida... podia amar um homem, dar-lhe uma entrevista, entregar-lhe a honra e o coração, sem que n'estes amores tomasse parte esse orgão sensivel do corpo humano, mas nunca devia ter escripto uma carta só, quanto mais tres.

— Tres!—exclamou Fanny, sobresaltando-se novamente.

— Pelo menos é quantas estão em meu poder.

— Mas eu só escrevi uma—replicou Fanny com indignação.

D. Isidoro sorriu-se d'um modo que fazia medo, e accrescentou:

— As mulheres valem-se de todos os meios ao seu alcance para illudir os maridos. Não é para estranhar que a sociedade *Os protectores dos maridos*, empregue tambem todos os meios de que poder dispor para sujeitar as mulheres. Diz a senhora, que só escreveu uma carta; não duvido, porque entre os socios ha alguns tão prendados, que fazem da penna quanto querem.

— Mas isso é uma infamia!

— E o que é enganar um marido? Um ladrão não póde, ou pelo menos não deve, queixar-se de ser roubado... não nos desviemos, porém, do assumpto. Dizia eu, pois, que *Os protectores dos maridos*, que como Argos tem os olhos fitos nos casados de quem suspeitam, descobriram, pelos ramos de camelias que a senhora atirava todas as noites ao inspirado auctor da *Debora*, que um coração feminino começava a vacillar.

Isidoro fez pequena pausa, durante a qual estudou o effeito das suas palavras. Fanny guardou silencio. O velho proseguiu:

— Feita esta primeira descoberta, entraram os socios no terreno das provas, da verdade. A sociedade *Os protectores dos maridos* é persistente, muito persistente, porque se compõe de maridos enganados e de viuvos... Eu pertenço ao numero dos ultimos: tive tres mulheres, e como dizem em Hespanha, *tres eram tres as filhas de Helena, tres eram tres e nenhuma era boa.* Deve saber que esta é uma canção que se canta em Hespanha. Isidoro representava n'aquelle momento o papel de aranha, comprazendo-se em ter a teia que devia apanhar Fanny. Esta continuava calada.

— Como eu ia dizendo, os socios reitaram-se como galgos atraz da lebre (perdoe a comparação) em procuda de provas. Pouco depois soube-se que uma rapariga chamada Lisette tinha visitado Raphael David, depois, que Raphael David tinha visitado Fanny, e por fim que Fanny tinha confiado o seu amor e o seu coração ao feliz musico. Soube-se tudo isto, mas faltava uma prova: procurou-se o modo de corromper David, mas David era honrado, e por nada no mundo vende o segredo de uma mulher.

Fanny suspirou, como se aquella defeza do seu amante lhe tirasse grande pezo de sobre o coração.

— E' verdade—continuou o velho—Raphael David negou sempre que era amante de Fanny Ratt. Não se podendo saber nada por este meio, conseguiu-se um dia penetrar no quarto do maestro e com chave falsa subtrahir da sua secretária as cartas desejadas. *Desde este momento, a sociedade tinha* em seu poder armas para combater Fanny; Raphael, porém, continuava innocente.

O velho suspendeu a sua narração.

Fanny, que, posto que comprehendia o perigo que a ameaçava, experimentava grande satisfação por saber que Raphael não tinha vendido o seu segredo, concebeu a ideia de comprar o silencio da terrivel sociedade, na qual não acreditava muito mas que temia extraordinariamente.

— E o que é que pretende de mim?—perguntou ella com certa sobranceria.

— Eu me explico—tornou o velho sem perder a serenidade—eu sou o presidente da sociedade em questão: ninguem póde dizer uma palavra, nem revelar um segredo sem minha licença. Além d'esta circumstancia, nos amores de Fanny Ratt e Raphael David só intervim eu. Sou, pois, o unico sabedor d'isto, e preso-me de ser prudente.

— E está disposto a especular com o segredo?— perguntou Fanny com malicia.

— Porque heide negal-o?... tenciono abandonar a Europa, e necessito, antes de emprehender a viagem, preparar as minhas malas.

— Agradeço-lhe infinitamente se me mostrar o seu verdadeiro rosto.

Tocou ao velho a vez de estremecer, mas tão visivelmente que Fanny sorriu-se.

— Fallemos, pois, com franqueza: quanto valem essas cartas?

O sr. D. Isidoro ficou um momento pensativo, e disse pouco depois:

— Vinte e cinco mil francos cada carta.

— São caras,

— Por serem suas é que não são baratas.

— E' galante a observação.

— Póde fazer o que quizer; não me hade faltar comprador.

Isto era uma ameaça.

— *Infame!* — *murmurou Fanny* em voz baixa, e erguendo a voz continuou em tom sarcastico:

— Parece impossivel que um homem seja capaz de negociações tão degradantes... é preferivel sahir á estrada.

— Não nego — retorquiu o velho sem perder a serenidade — mas deve confessar que, nos roubos assim praticados, corre-se menos risco que nos de estrada.

E Isidoro collocou a mão sobre o peito, indicando que tinha alli as cartas.

— E que segurança seria a minha, na hypothese de comprar as cartas?—perguntou Fanny.

— Se lhe não basta a minha palavra de honra...

— Peço-lhe que não profane a honra.

— Será feita a sua vontade.

— Preciso de garantia.

— Parece lhe bastante a minha ausencia de Paris?

— Paris é muito grande, e eu não pertenço á policia secreta para saber se o senhor sahe ou não.

— Diabo! Vou dar-lhe uma garantia que talvez a satisfaça, uma rasão que hade convencel-a. Se Raphael David souber que Isidoro Bombia lhe roubou as cartas de Fanny, é indubitavel que, posto me não conheça, proponha duello, se me não matar como a um cão, segundo costuma dizer-se. Se me desafiar, confesso, senhora, que não sou nenhum Cid; as minhas armas reduzem-se a alguma astucia e outra tanta perserverança: o que é floretes e pistolas, atacam-me os nervos, fasem-me medo; assim, pois, feita a minha mala, convém-me pôr terra de permeio entre mim e o auctor da *Debora*. Creio que estas rasões são bastantes para a tranquillisar.

Fanny vacillou.

— Ainda mais—proseguiu o velho—nós temos tambem a nossa honra, o nosso pundonor; e quando digo *nós, refiro-me aos que fazem, como eu,* negocios pouco legaes. Nunca falto á minha palavra. Agora que tenho em meu poder as suas cartas; se chegarmos a accordo, se me entregar os setenta e cinco mil francos que peço por ellas, tão depressa receba o dinheiro, o nome de Fanny riscar-se-ha da minha memoria, porque trago outros negocios entre mãos que reclamam a minha attenção.

— E se eu me recusar á transacção?

— N'esse caso, Isidoro Bomdia, levantando-se da cadeira e comprimentando Fanny Ratt, sahiria d'esta casa, e ao chegar ao extremo da rua de Rivoli, tomaria logar na diligencia que para Morbihan, actual residencia do sr. de Tapulca na Bretanha, e apresentando-lhe as cartas, arrancaria a mascara á mulher criminosa.

Fanny comprehendeu que aquelle homem estava disposto a cumprir o que promettia. Não lhe restava outro recurso do que comparar-lhe o silencio.

— Está bem; cahi nas mãos d'um ladrão; terei de me conformar, emquanto as cartas estiverem em poder d'elle—disse Fanny comsigo.

E levantando a voz, continuou:

— Não tenho a quantia que me exige. Dou pelas cartas quarenta mil francos.

— E' muito pouco.

— Não tenho apego a dinheiro; mas não possuo mais.

— Oh! a esposa d'um millionario!...

— Disse a verdade: meu marido é o depositario da sua riqueza; eu possuo só o dinheiro que elle me marcou para as minhas despezas particulares, mas actualmente só tenho quarenta mil francos. Acceita esta quantia em troca das cartas? Se não acceita, póde tomar o bilhete da diligencia de Morbihan, e Deus decidirá a minha sorte.

Chegou ao velho a vez de vacillar.

Aquella mulher offerecia-lhe uma quantia bastante forte para mudar de vida. O que lhe daria o marido?

Problema!

A' primeira impressão, um homem casado, de genio bastante forte, zeloso e que ama sua mulher, quando se lhe diz: «tua mulher engana-te, é amante d'outro» deve fazer uma scena violenta. A primeira nuvem d'aquelle Ottelo não é difícil descarregar-se sobre o moderno Yago. Isidoro era prudente, como todo o homem que caminha por senda escorregadia.

E além d'isto, como diz o ditado, mais vale um passaro na mão que dois voando. Isidoro tratou de tirar o maximo partido.

Fanny repetiu:

— Quarenta mil francos, nem mais um.

Por fim Isidoro cedeu.

— Não quero ser arguido de menos delicado— respondeu Brandão—está feito o negocio.

Fanny levantou-se, e abrindo uma secretaria, tirou um masso de notas de mil francos. Contou-as, separando trez vezes, e disse:

— Venham as cartas.

— Aqui estão.

E Bomdia tirou uma carteira do bolso do peito da sobrecasaca, e d'ella as cartas que tão caras custavam á ex-bailarina.

— Agora—replicou Fanny apertando as cartas com mão nervosa—tenho direito de o assassinar se pronunciar a este respeito uma só palavra.

— E' justo; mas juro-lhe que foi isto pedra que cahiu em poço—disse D. Isidoro.

E saudando, sahiu dos aposentos de Fanny Ratt.

(Continua.)

peramos muito. Biarritz encontra-se povoado, Villagracia tambem. Vigo, S. Lucas, a Corunha, S. Sebastião, Noia, e todos os pontos mais distinctos da França e da Hespanha tambem o estarão; porém, Espinho ha-de estar o mais, porque, este anno, está a praia como nunca se viu: está aprazivel, tranquilla, incomparavel.

E. Nunes Sarmento.

CARTA DE VAGOS

8 DE JUNHO DE 1893.

Desmantela-se e cáe aqui em pedaços a horda regeneradora que quiz oppôr o seu ficticio poder ao honrado e disciplinado partido progressista. Depois das ultimas eleições lançou-se logo o pomo da discordia entre os mais ambiciosos. Os mais graduados todos aspiram á chefia e por isso houve logo a scisão e a horda, que devia ter só um chefe, ficou constituida por quatro. N'estas alturas o chefe n.° 2, por negocios de familia, promove a transferencia do contador e distribuidor para a Gollegã. Fica, pois, um logar vago. E' um osso que todos os chefes, para si ou para seus apaniguados, abrem as ávidas guelas. Manifesta-se então a ordem de Varsovia na egreja regeneradora vaguense. Entra n'este maldito barulho a lingua viperina das barregãs, amazias e outras quejandas que são imminentes na politica local. Tomam o partido dos seus chefes, engalfinham-se nas ruas e praças publicas, lançam em rosto umas ás outras os defeitos que realmente possuem.

No meio de todo este medonho escandalo, véem os amantes tomar as devidas desforras. Em noites de luar pintam estas eastas divas nos logares publicos. Os mais graduados nos gabinetes e cartorios de escrivães descompõem-se alternadamente. Assim o chefe n.° 2 chama ladrão e nomes feios ao chefe n.° 1. E porque? Porque diz o chefe n.° 3 que o chefe n.° 1 se metteu d'alma, vida e coração para pôr ao fresco os canarios da Gafanha, que se achavam engaiolados, e que já ha muito deviam ou permanecer na Penitenciaria ou darem um passeio até á Africa. Chefes n.° 1 e 3 mancommunados e com o auxilio das justiças d'estas terras, conseguiram a sua libertação e os taes canarios lá adejam em liberdade pelas largas campinas da Gafanha. Mas em tudo isto havia uma victima, que ainda depois de morta, segundo o dizer das testemunhas oculares, foi calcada e despedaçada pelos sicarios, e o pae d'esta até certo ponto do processo foi parte, querendo fazer vingar a acção da justiça, desconfiando já que o representante da sociedade não a fizesse valer. Mas chefes n.° 1 e n.° 3 combinados fazem desistir o desgraçado. No meio de tudo isto os canarios são absolvidos e vão disfructar, como dissemos, da liberdade a que aspiravam. E o chefe n.° 1, que se havia compromettido com o chefe n.° 3 a pagar pelo pae da victima todas as custas e despezas do processo, põe-se ao fresco e ri-se quando o chefe n.° 3 lhe dirige os maiores improperios que realmente são indignos para quem ainda n'aquella cabeça quer alojar uma descommunal mitra. Ri-se com um cynismo que lhe é peculiar. Chefe n.° 3, que tem um genio exaltadissimo e desesperado, vae por congostas e azinhagas e não ha injurias que não dirija ao tal chefe n.° 1, de sorte que nós já ha dias dissemos a um amigo que o S. Miguel de Sôza, deixou fugir debaixo dos pés o diabo para lhe dar guarida no seio dos nossos adversarios politicos. Mas, verdade, verdade, o tal chefe n.° 1 parece-nos que é que foi o diabo que o José Maluco (vulgó das Desgraças), chefe n.° 2, para aqui ajudou a conduzir. Se não vejamos:

Este homem é tonsurado e como tal nos differentes misteres que exerce devia sempre aconselhar a boa ordem social e com especialidade o bem estar domestico; longe d'isso, porém, lança no seio da familia a sizania e perfeita desharmonia. Como patrono aconselha a cliente que desobedeça em tudo e por tudo ao marido e promove o divorcio. Correm os processos e se a cliente é mal succedida, o homem não desanima. Aconselha-a então a que provoque o marido e que se elle não lhe infligir offensas corporaes, que lh'as applique ella em alta dóse, para que assim haja novo e seguro motivo para se tentar nova acção de divorcio.

E' n'estas e outras gentilezas que a fazenda, já avariada que para aqui nos mandaram, se torna notavel.

Mais um exemplo para demonstrar o genio caritativo d'este ministro de Deus. Ha tempo foi um collega seu no sacerdocio espoliado d'uma parte importante do nariz e n'essa mesma occasião lhe foram despedaçadas as vidraças da casa aonde vive. O infeliz queixou-se perante as justiças da terra. Correu o processo. O aggressor d'esta infeliz victima arranjou uma escoriação qualquer nos dedos da mão direita; queixou-se egualmente em juizo, o que deu origem a dois policiões, com os quaes as mesmas justiças fizeram jogo quasi a descoberto. Assim o nosso infeliz amigo, pouco antes das eleições foi chamado para assentar praça na horda regeneradora e como a isso se recusasse, logo lhe protestaram assentar-lhe a vara flexivel da justiça. E foi assim. Julgadas as policias, o nosso amigo soffreu egual pena á d'aquelle que o privou d'uma parte importante do nariz. Com isto, porém, não se contentou o insigne e decantado chefe n.° 1: pediu copia da sentença, enviou-a acompanhada d'um officio ao bispo em termos taes que o nosso amigo dentro em poucos dias era suspenso do exercicio de todas as suas ordens, o que occasionou a esta desgraçada victima das vinganças torpes e mesquinhas uma doença que o collocou á beira do tumulo.

Estes dois factos provam já á evidencia o caracter do homem, de sacerdote e de advogado. Mas isto não é nada. Em occasião opportuna cortaremos mais um bocado de rabo á raposa.

Por serem quasi 4 hoaas, hora a que parte o correio d'aqui, e por esta ir já extensa, não fallamos das infelicidades que constantemente perseguem o homem d'esta terra que só aspira a um emprego. Com a nomeação do novo administrador para aqui mais uma vez esse ambicioso acaba de soffrer um golpe doloroso; tão doloroso que não parece o individuo alegre que era quando em horas vagas pensava que tinha como coisa sua o logar de administrador, que lhe tinha sido dado de presente pelo A. de Brito ainda não ha um mez. Chegou a esfregar as mãos de contente quando lhe offereceram a posta. Infeliz *Entonio*. Y.

CARTA DE CANTANHEDE

12 DE JUNHO EE 1893.

Corre como certo, que no proximo domingo 18 do corrente, vê a luz da publicidade um novo semanario denominado *O Alegre* que só insere versos, poesias, charadas, anedoctas, etc.

— Regressaram no sabbado ultimo a esta villa pelas 9 horas da manhã, os velocipedistas Levy Ferrão, Reis da Silveira e Benjamin Galvão.

— No proximo mez de julho, haverá n'esta villa uma corrida de velocipedes promovida pelo sr. Reis da Silveira.

— Já estão distribuidos os papeis das comedias seguintes—*Há mais marias na terra, dois surdos, Marquez feito á pressa e um rapaz distrahido*, pelos socios da sociedade dramatica cantanhedense. Com o maior gosto, damos a noticia de que a sociedade dramatica conseguiu que fizessem a sua estreia no theatro d'esta villa, pela primeira vez, as amadoras e sympaticas meninas Julia Saro e Maria Simões.

Os nossos parabens.

— O ultimo mercado que se fez n'esta villa esteve muito desanimado, devido aos feirantes andarem empregados na agricultura.

— Roubaram á ex.ma sr.a D. Gertrudes de Magalhães, a quantia a proximada a 60$000 réis.

— Dos 50$000 réis que roubaram a Albino Chaves, já appareceram 38$000 réis.

— Cantanhede possue hoje um habil e intelligente serralheiro, que se chama José da Costa, o qual faz toda a qualidade d'obra que diga respeito á sua arte, e concerta velocipedes e falos tambem de madeira ou ferro. Já fez um velocipede de ferro, que está bem feito e tem quasi prompto um triciclo de madeira. Recomendamol-o ao publico e em especial aos velocipedistas.

— A' auctoridade competente pedimos providencias sobre o seguinte—Os donos que tem cães trazem-nos soltos pelas ruas, e nem mesmo os chamam quando os veem seguir os velocipedistas, dando isto em resultado haverem altercações entre visinhos e partirem velocipedes, torcerem pés, e ficarem com as calças rasgadas. Julgamos que é prohibido os cães andarem soltos e porisso pedimos providencias sobre isto, para evitar serios conflictos que são esperados.

Correspondente.

SECÇÃO AGRICOLA

DOENÇAS DOS CEREAES

São muitos e diversamente graves os damnos causados nos cereaes por varias especies de cogumellos. Fallaremos da alforra, do carbunculo e da carie. A alforra ou ferrugem desenvolve-se particularmente na face inferior das folhas e seu revestimento é ás vezes no colmo das gramineas; tambem ataca, ainda que mais raramente, as glumas e até o proprio grão. Apparece em forma de pontos brancos amarellados, ovaes, um pouco salientes e mais ou menos approximados; a epiderme fende-se longitudinalmente e sáe um pó alaranjado que se pega aos dedos. Quando a invasão é grande, as folhas empallidecem e seccam. Se a gluma é atacada, a flor esterilisa-se. A ferrugem é sempre amarella, e por isso não se deve confundir com as nodoas negras que se vêem nas folhas, e que são produzidas por outro parasita que tem o nome technico de *puccinia germinis*. Mais analogia com a ferrugem tem o cogumello chamado *uredo glumarum* que ataca principalmente o trigo e o centeio.

O carbunculo desenvolve-se nos pedunculos das espiguetas, nas glumas e no grão da maior parte das gramineas; mas ataca sobre tudo o trigo, a cevada e a aveia. O grão apresenta-se negro, e em pouco tempo reduz-se a pó.

O milho é invadido por uma especie particular de carbunculo, que ataca toda a planta. O caule enche-se de saliencias, que depois se amolecem e desfazem em pó, deixando ficar ulceras saniosas; a espiga atacada esterilisa-se completamente.

A carie habitualmente só invade o ovario, mórmente do trigo; e as especies communs d'este cereal são as mais poupadas. Os effeitos produzidos pela carie são semelhantes aos produzidos pelo carbunculo, se bem que é raro que todos os grãos da mesma espiga sejam affectados. Aquelles que o são augmentam primeiro de volume, atrophiam-se depois, enrugam-se e tomam uma côr pardacenta; quando se partem, vê-se dentro uma materia negra, untuosa e fetida, que faz lembrar o cheiro do peixe do mar.

O trigo cariado empregado na sementeira produz um quarto de grãos cariados, o que faz depreciar o valor dos sãos. A carie não parece que tenha propriedades nocivas hygienicamente, e o mesmo se pode dizer do carbunculo; o que não succede com o conhecido parasita—a cravagem do centeio e do trigo. O remedio geralmente empregado contra o desenvolvimento do carbunculo e da carie, consiste em passar as sementes por uma agua de cal com um pouco de sal marinho. Alguns cultivadores substituem a agua de cal por uma solução de sulfato de cobre, de potassa ou de soda, ou ainda por uma lexivia de cinzas de madeira; no entanto ha quem condemne, por perigoso, o uso do salfato de cobre. Em todo o caso, quando um campo é invadido pelo carbunculo e pela carie, torna-se indispensavel substituir a cultura dos cereaes por plantas de familia diversa, como: couves, beterraba, luzerna, trevo, sanfeno, etc.; porque os cogumelos referidos, vivendo só nos cereaes, desapparecem completamente desde que estes deixem de ser cultivados um ou dois annos.

SECÇÃO LITTERARIA

A ARVORE DO PARAIZO

Quantas dezenas de seculos se teriam passado depois que se déra no paraizo a emocionante occorrencia da traição da serpente? Muitas e muitas, com certeza, a avaliar pela decrepitude da arvore lendaria, cujas ramarias a custo estendiam os braços descarnados para os affagos do sol, o eternamente generoso. O seu aspecto geral causava tristeza; a folhagem amarellecida e em grande parte sêcca cahia ao solo fazendo ruidos extranhos, como as escamas d'um monstro que se arrastasse com difficuldade. Porque as folhas das arvores são como as mulheres; com a idade seccam e murmurejam. As avesitas azues, muito gentis das primeiras idades do mundo tinham morrido ha muito, algumas dellas devoradas pelos milhafres e abutres que desciam das montanhas negras por onde passára o raio do Senhor. Do antigo jardim feerico, delicioso de flores raras e de fragancias exquisitas, raro era o souto viridente; as tempestades, as geadas, as ventanias, as insolações torrenciaes, esbrazeantes—tinha assolado os massiços, devastado os pomares, esfaqueado os ramilhetes de arbustos, um grande descampado estendendo-se para a região do sol nascente, por onde passavam carabanas de peregrinos e romagens de penitentes.

Assim, vista a toda a luz, a arvore immensa e antiga, de raros fructos côr de oiro enrugava-se n'um sorriso de lôr e de sarcasmo, como uma imperia desilludida, a ossatura mal coberta pelo musgo e pelas parasitas, grandes tendas na rugosidade do tronco onde se viam luzir os olhos redondos dos passaros da noite. E de todas as regiões da terra, dos paizes brunidos pelo escaldamento do sol, como dos paramos do silencio e da quietude gelada, acudiam, ao estricote, bandos humanos, com uma febre no olhar, os labios tremulos e sêccos, os dedos crispados n'uma avareza empolgante, o peito anciado n'uma fatalidade de cubiças.

Havia mulheres de seio ressequido, os cabellos em desordem, como se viessem fugindo ao açoite de todas as desventuras, e nas faces sem côr e sem frescura riscavam-se os signaes das vigilias e das angustias, n'um grande tormento sem esperança. Era como se toda aquella gente tivesse fugido de uma cidade incendiada. Vestidos roçagantes, de duquezas sem corôa, os fios de perolas quebrados e disperços, as rendas em pedaços, a fimbria da saia coberta da lama dos caminhos, perdida a côr e a elegancia dos sapatinhos de setim de baile; raparigas de toilette simples, uma grinalda murcha na cabeça, vergada pela dôr; gente de todas as classes; aspectos de todos os cambiantes da tortura humana; homens de todas as condições, do campo, das cidades, dos palacios, cada qual conduzindo para junto da arvore sagrada o producto das suas fortunas, como os selvagens da Malazia acarretam para adornar o immenso fetiche tudo quanto possue de precioso e de brilante.

De joelhos, soluçantes, os olhos seccos de lagrimas, as feições contrahidas, clamando n'uma raiva, impetrando n'um desespero—cada qual procura commover o velho gigante paradisiaco, supplicando-lhe um dos seus fructos. Como a multidão era immensa e os pômos eram poucos, feriam-se batalhas para se conquistar um logar nas primeiras filas; aquelles que avançavam até ao tronco eram repellidos por uma força extranha que os fulminava, de modo que ninguem se adiantava para o circulo formado pela sombra, cuja peripheria era feita de cadaveres.

— Por um dos teus fructos dizia um velho coroado, dar-te-hei todas as provincias do meu vasto imperio. A tua ramagem poderá estender-se por centenas de leguas, cobrindo os mais estupendos palacios do universo. Exercitos e exercitos de homens aguerridos poderão bivacar nos arraiaes que tu preferires, e todos os fidalgos e grandes senhores da minha corte virão regar as tuas raizes com os eleos mais preciosos e mais caros.

De todos os teus braços, de todas as tuas folhas, penderão as joias, as perolas, os diamantes mais sumptuosos da terra; as minas e os mineiros trabalharão para ti; as artes e as industrias inventarão novos productos, farão novas conquistas; a teus pés, como aos pés de Nabuco, hão de correr ribeiros de esmeraldas á mistura com as lagrimas de mil milhões de escravos submissos! Em troca de tudo isto cede-me um pômo da tua magnificencia e que sinta, um momento sequer, a immensidade do prazer e o estertor das delicias!»

E o côro immenso dos hallucinados erguia-se até ás nuvens, com uma tempestade de preces.

Eram poetas offertando as imagens puras dos seus versos, o sentimentalismo mais acrysolado das suas almas; trabalhadores que se compromettiam a uma faina de vinte horas, aos misteres mais rudes, á servidão mais negra; politicos que deslumbravam os ouvidos com a narrativa dos seus projectos ideaes: magistrados que offertavam as deliberações da justiça; homens novos que repudiavam a sua juventude; santos que alleiavam o seu lugar no céo.

A arvore do paraiso sorria motejando dos sinceros e acolhia de longe a compra dos poderosos. Quando um fructo se desprendia do alto da ramagem, erguiam-se todos os braços, estendiam se todos os labios, levantavam-se todos os collos. Os mais fortes e rancorosos desembainhavam as adagas e os punhaes, ferindo traiçoeiramente os mais humildes. Toda a turba se precipitava sobre o pômo, como cães famintos, uivando como chacaes, ensanguentados, cobertos de poeira, e aquelle que conquistava o thesouro apetecido, á parte, como uma fera sobre a presa, ou como um naufrago sobre um pedaço de carne putrefacta, cravava os dentes no manjar das delicias e precipitava-se no sonho de todas as grandezas e na posse de todos os prazeres.

Quando a lucta era mais viva e mais gritante, quando, do fundo d'aquella massa hedionda sahia a rouquidão dos afogados e o estretor dos moribundos e ondas de sangue chegavam até á raiz da arvore do prazer, então ella batia as palmas com as palmas das ramagens e banhava-se no vento do deserto, que tinha canticos lugubres e palavras torturantes.

Ao cahir do dia eram despovoadas as cidades e ardiam de ponta a ponta as cathedraes gigantescas. A batalha tornára-se geral; feria-se a todos os cantos; o punhal e o fuzil trabalhavam sem descanso, na concorrencia para a delicia. Tudo quanto a alma humana tem de grande—a bondade, o amor, a honra, a paz, a misericordia, a generosidade para com os pobres, o auxilio para com os desventurados, ardera n'essa faina, como um grande sol moral que se extingue. Mulheres loiras vendiam por um ceitil a onda dos seus cabellos; os mais bellos palacios eram saqueados pela multidão desesperada no amanho d'uma riqueza; os judeus maes ambiciosos punham-se em marcha, golphando brilhantes e saphiras dos alforges repletos; as flores concentravam os seus perfumes; as aves colleccionavam, n'uma sonata, os seus gorgeios mais salientes; cada individuo fazendo provisão das suas e das alheias galhardias para proseguir na peregrinação phantastica em busca do prazer. Mesmo a entrada da noite não abrandára o saque e a loucura. Queimavam-se os altares para fogueiras enormes que illuminavam a devastação, e a luz das estrellas tinha reflexos vermelhos como se chorassem sangue.

Apenas no pendor d'uma colina, encostado o peito sobre o peito, dois amantes, muito pobres, mas com uma sobreuatural delicia no olhar mordiam no mesmo pômo, que pelo tamanho, pela frescura e pelo perfume devia ser o mais esplendido fructo da arvore do paraizo. Os soberanos que passavam e viam o quadro singelo e cheio de ternura, perguntavam n'uma ambição rancorosa:

— Que sacrificios, que riquezas, que exercitos, que reinos offereceram á arvore soberana para que ella vos désse tamanha felicidade?

E os dois, modestamente, n'um sorriso celeste, illuminado por uma graça de luar, respondiam timidamente:

— A sinceridade do nosso amor.

Bárnaba.

O MARINHEIRO

Pouco a pouco, n'um esforço de gigantes, a agua do mar a escorrer-lhes dos braços fortes de homens sãos, iam puxando durante as redes.

— Eh! Ala!...

A sardinha grande da costa saltava prateada entre a malha negra e fina, e a rede que elles tiravam do mar, molhava tudo, encharcada em agua, coberta de algas verdes a pingar. Tres gorazes crescidos debatiam-se aos pulos, e duas pescadas de listras pretas no dorso, morriam na caverna esguia do barco, n'uma afflição. Por fim a ultima rede sahiu da agua com menos peixe ainda.

— *Quasi nada,—disse o arraes.*

E um dos rapazes murmurou indifferente quasi:

— Fugiu p'ra o sul, o peixe...

Longe, a bastantes braças, mais bateis, de vela arreada, balouçavam no mar banzeiro, côr do ceu, e para lá ainda mais e mais, os que vinham de Espinho, aquelles que corriam com a vela cheia e larga, a pescaria feita, a entrar a barra na enchente. A costa apparecia rasa e arida, e havia apenas uma brancura batida do sol para a Povoa, e erguido no ar, muito esbatido, muito alto, o pharolim da Luz...

— Içal...

Tinha içada a véla, e o batel corria, levantando espuma na prôa, em saltos bruscos ás vezes. Os dois rapazes, de vinte annos talvez, esculpturaes, de cabello aspero, crestados do sol, respirando honestidade e saude, tinham ido deitar-se de barriga para cima, no pedaço do tombadilho da prôa, e o arraes ao leme fumava de vagar o seu cachimbo de barro enegrecido. No entanto a costa approximava-se. Agora via-se o mar que se desfazia em espuma nevada contra a penedia aguda e negra; o pontilhão de Carreiros, onde a agua escacha e redobra de furia; o velho castello triste, cosido de buracos, onde as gaivotas fazem ninho... Muito alto, muito pallido, irradiava já o pharolim da Luz. Iam entrando a barra; dobravam mesmo o caes de Felgueiras, saccudidos pelo mar que quebra alli...

O velho encostára-se a um varal, olhando o mar banzeiro e azul, sentindo o bom cheiro picante das algas, e quando o batel dobrou o caes, a vela panda a destacar-se no poente vermelho, resmungou sem se mecher!

— O' Maria, lá vem o batel!...

A essa hora já as raparigas corriam pelo caes, arregaçadas as saias, de perna núa, a canastra de verga á cabeça. A tarde morria: uma gaivota branca pairava muito alto na serenidade do céu, e os longes da outra banda destacavam-se cheios de nitidez, com grandes sobras negras aniveladas na verdura. O cabedelo cortava a mansidão da agua quieta com um traço amarello tostado, e um paquete, as lanternas a vermelhejar, descia vagarosamente o rio, cheio de preguiça, por aquelle fim de tarde tão mansa. A agua lisa, côr de aço queimado, sem uma ruga. O velho espreguiçando-se, olhando o sol, desapparecer, a mergular no occidente côr d'oiro, resmungou ainda:

— Cá está o batel... Ora Nosso Senhor permitta que traga muita sardinha!...

E chegando-se ao caes, berrou:

— Então?...

E o filho de lá, as mãos em buzina, a destacar no céu, respondeu resignado:

— Quasi nada... Uns tres centos...

— Má raios partam o mar!...

E ninguem como elle o amava afinal!... A's vezes, em tardes azues, elle ia ainda, a mão no leme, sentindo-se bom, sentindo-se forte, pescar tambem. E na volta a vela reteza pelo sol, parecia reviver; acudia-lhe inteira a sua rude vida de marinheiro, tibada de trabalho, soffredora...

E quando elle era novo! quando elle era forte! O dia que embarcára como gruméte no brigue; o dia alegre em que casara com a sua honesta companheira!... via-se marinheiro valente, contramestre em seguida, crestado do sol, e resistente como a madeira alcatroada do seu brigue... De relance, entrevia, aos retalhos, farrapos da sua mocidade; portos distantes n'uma tarde quente, as embarcações adormecidas na agua lisa, de costados pretos e vermelho escuro, as mastreações erguidas no ar... E o olhar brilhava-lhe então, enchia-lhe os pulmões do bom ar salgado do mar.

E quando chegava, cheio de alegria, de calça larga de brim e camisola de flanella, e contava a mulher e os filhos que o esperavam no caes... Ah! esses dias!... Os abraços alegres, as lagrimas de sua mulher, os rapazes que encontrava mais crescidos, mais fortes já—os seus filhos... E vinham já pelo caes, apé, contentes, elle contando a viagem, as afflicções que tivera, e sua mulher, tão seria, tão boa, com o olhar cheio de felecidade e de ternura, dizia:

— Como tu vens trigueiro, Joaquim!...

Vinha queimado, vinha!... A viagem fôra má, a tempestade no mar, longe, fustigára-os—mas o seu brigue aguentára, resistira. Como elle lhe queria, tambem, ao seu brigue!...

E agora, que o seu peixe escasseava na costa, que elle se sentia pesado em casa, tinha revoltas surdas, desejos violentos de partir ainda. Mas estava velho, não podia, voltavam-lhe os desesperos enormes, raivas contra o mar, que cansára afinal com elle: tornava-se resmungão, intractavel; ficava dias e dias sem fallar, muito aspero.

«Elle, um marinheiro, precisar que o sustentassem! Servir apenas para concertar as redes velhas!...»

Honesto e leal. Rude, cheio de rugas, bem velho já. Com saude ainda, os dentes brancos todos, a barba grisalha, o olhar vivo e moço. Cheia de dedicações a sua vida. Creança ainda embarcara, crestára-se-lhe a pelle, fizera-se valente no mar. Sustentava a mãe. Tinha asperezas na voz; ancoras e datas a tinta azul nos braços possantes... Envelhecera, morrera-lhe a mulher, e elle ficara em terra por fim, com o filho e os netos. A neta casara um dia com o Nél, um rapagão que, com elle, partira em seguida, na sua primeira viagem de marinheiro, para o Brazil. Mas quando a barca voltou, elle não vinha. Lá tinha ficado, uma noite de tempestade, no mar.

Envelhecera, não podia trabalhar. O filho, os netos pescavam, e elle ajudava-os a concertar as redes. Mas o peixe escasseava... E o que elle soffria ao ver os outros trabalhar no batel, emquanto elle ficava em casa, a remendar as vellas. O que elle soffria, bom Deus!...

Mais um batel tinha chegado tambem, e depois ainda um outro viera mansamente encostar-se á lingueta, onchendo o caes d'alegria, de montões prateados de sardinha. As mulheres berravam, pescadores lavavam as redes—e o cheiro picante do mar espalhava-se mais vivo n'aquelle bocado de caes tão cheio de côr d'uma intensidade rara... O velho tinha vindo devagar, tristemente, a ver a pesca. O filho, com um sorriso resignado, atirando com o peixe para o caes, murmurou ainda:

— Esta fartura!...

— Má raios!...

Esfriava. As sombras dos barcos alongavam-se negras na agua que tremia... Homens corriam o caes. Uma catraia preparava-se para pilotar um navio. O piloto, a quem o piloto mór dava ordens, zangado, corria já para o barco.

O velho olhou. A neta, tão morena, tão linda, acamava a sardinha na canastra. N'um instante pensou em ir remar na catraia, em ajudar os seus...

«Que diabo! Eram seis vintens a ganhar... Talvez a ceia. E que estava elle alli a fazer de braços crusados em quanto os outros trabalhavam?... Não podia! não podia!... Ia ver-se isso!... Ainda tinha força no braços! o mar não dava peixe, remava-se nas catraias. Era trabalhar até cahir!...»

Resolveu-se de repente. Partiu a correr, tropego já, com tanta pressa, que bateu de encontro ao piloto. Luziu o olhar vesgo do homem. Tinha sido insultado: precisava de descarregar alguem a sua raiva. Agarrou o marinheiro pelos hombros.

— Você não vê, sua besta? Que o rebento!

E a tremer de colera, quando o velho fugia com medo de perder a catraia, deu-lhe uma bofetada nas barbas grisalhas. Um grito. Veio vermelho o marinheiro. Crisparam-se-lhe as mãos n'uma colera sem fim, e ergueu bem alto, bem alto, a sua cabeça de lucta-dor. Elle, em que nunca ninguem batera, nem o seu capitão, quando elle era grumete!... Ia esganar o outro, cheio de força, cheio de vida, de raiva... Mas a catraia largava...

— Larga! larga!—ouvia-se.

Agarrou de repente no homem e estatelou-o no chão, a rugir de encontro a um varal, e correndo, os punhos erguidos no ar, foi cahir dentro do barco, murmurando inconsciente:

— Que diabo!... Eram seis vintens a ganhar!

Remou enfurecido, com força de gigante, quasi sem se aperceber do esforço enorme que fazia, quasi sem vêr onde estava, ennevoado o olhar—mas lentamente as lagrimas cahiram-lhe so-

territorio: outra entrar no continente pelos nossos portos Passamos os dias na amargurada alternativa de nacionalidade nominal, ou de subjeição estrangeira.

V. s.ª pensa que é puro materialismo medir o territorio, computar as posses, e contar o numero dos cidadãos para determinar a força d'uma nação, que a grandeza d'alma, e não a do corpo, é que forma a superioridade dos individuos e dos povos, e que a liberdade perigando nas grandes nações aconselha a constituição dos povos em pequenas tribus. Não é um verdadeiro martyrio responder a estas ôcas declamações, a estas importunas rabugices, e ás sediças preoccupações d'uma escóla politica desauctorisada por experiencias decisivas, e vencida por melhores doutrinas?

Contra o seu espiritualismo politico lá protestam os gemidos da Polonia, a quem sobrava animo e coragem, e só faltou o numero. As desgraças da Italia, que se fôra uma só nação seria mais respeitada dos estrangeiros. A Hespanha em cujo territorio não ousaram os francezes meter o pé na guerra civil de 34, e d'onde ha pouco foi despedido com pouca cortezia e sem inconvenientes um embaixador d'Inglaterra. A França que declarada em republica recebeu logo dos embaixadores estrangeiros as homenagens, que poucas horas antes eram dirigidas aos seus monarchas. A Allemanha em lucta aberta com os seus principes para reunir debaixo d'um só governo as suas luzes, a sua actividade, e instinctos humanitarios. Em fim o esforço longo e incessante de todos os estados da Europa para trocaram o governo, para assim dizer caseiro, das côrtes ducaes pelo governo politico dos reis, e congregarem-se em grandes familias.

V. s.ª tem ainda na cabeça a absurda doutrina dos principios especiaes das tres formas de governo, e segundo outra não menos falsa, pensa que a cada uma d'ellas corresponde determinadamente uma certa extensão de territorio, e somma de individuos. N'estes erros me parece v. s.ª conscencioso, porque os empacotou, e armazenou na sua memoria no tempo em que decorava quanto lia, e lá lhe ficaram com outros quejandos *alcuides* que hoje constituem todo o sortimento

da sua intelligencia. A facilidade de vulgarisar a instrucção, de unir em sentimentos, e intuitos os povos mais distantes, a elasticidade dos novos principios sociaes tornaram em these a superficie territorial, e o algarismo da população, elementos indifferentes para o successo de qualquer forma de governo, mas importantissimos para o respeito que os povos se devem reciprocamente, e para a independencia que a todos pertence.

Apartaram-se modernamente a Belgica, e a Grecia do proposito de engrandecimento e força que ha muito tempo regula a instituição das nacionalidades na Europa. Mas que significam estas particularissimas singularidades? Os gregos soffriam na terra da patria, epilogo de recordações prestigiosas, todas as durezas e miserias da mais brutal servidão. Athenas era uma especie de Jerusalem politica para a numerosa, e activa população hellenica, que forma uma boa parte do imperio turco, e que prevista da agourada ruina d'elle se preparava para haver a herança das suas grandezas. Os belgas havendo sido lançados com a Hollanda nas balanças do equilibrio europeo como um contrapeso insignificante, padeciam sob o dobrado jugo da auctocracia d'uma religião que não era a d'elles, e do dominio d'uma dynastia que não haviam escolhido, e que não amavam. Foram estes dous povos obrigados a fazer economia á parte, mas elles mesmos reconhecem já que lhes custou cara a indispensavel separação dos gremios em que tinham estabelecido todo o seu grangeio industrial e commercial.

E' doloroso traser á lembrança as injurias que temos recebido sob todas as formas do governo, e da parte de differentes nações, mas tão vivas estão na memoria de todos os portuguezes que de entre elles só a v. s.ª é mister aponta-las. Recorde-as comigo, porque é de melhor filho chorar com a mãe os males do captiveiro do que persuadir-lhe que os grilhões que lhe roxeiam os pulsos são braceletes de pedraria. Comecemos pelos nossos dias, invertendo a ordem dos acontecimentos para acabarmos n'uma confrontação por extremo illustrativa.

Protocolo de 1847, e invasão consequente.

unicamente por causas a corrupção dos nobres, e o arrojo infeliz do mancebo Sebastião. O grande imperio das Hespanhas desmantelava-se. A sua hora estava chegada. O leão infermo largava a presa. Aquella Austria cahia a pedaços.

Se v. s.ª é tão cioso da nossa nacionalidade, se receia tanto que a Hespanha nos absorva, porque ao menos não protestou contra o tractado da quadrupla alliança, em vez de se quixar, como fez, d'elle não ser religiosamente cumprido, tomando o general Rodil parte mais activa nas operações da guerra civil da restauração? Como não bradou álerta aos portuguezes quando fomos obrigados a passar pelas forcas caudinas do tractado de nevegação do Douro, e não se poz á frente da classe agricola tão receiosa das conseguencias d'elle? Como, para desmanchar a conspiração retrograda em 11 de setembro de 1820, quiz que se aclamasse a constituição hespanhola, pondo-nos assim satelites da Hespanha, e começando este concerto de [illegible]ações, e reacções entre os dois paizes, que se não ameaça directamente a nossa independencia diminue as repugnancias para a união dos dois povos? V. s.ª accordou só á minha voz. Viu sem desabafar o general Concha no Hotel da Peninsula, e encheu-se de ira pelas reflexões incontroversas, e inoffensivas de um jornalista perseguido, as quaes segundo v. s.ª fiseram d'elle um doudo, um monstro, ou um Deus! Que cabeça, sr. José Victorino!

Os nossos antigos reis empenhavam-se por todos os modos em contrariar e neutralisar em Hespanha as allianças de familia, que tudo importavam n'aquelles tempos. Os progressos da civilisação são hoje a base do credito e poder das nações. Contar os que faz a Hespanha, inveja-los, excede-los é tarefa de patriota portuguez. Se v. s.ª lembrado d'aquelles factos, e penetrado d'estes principios tomasse a peito similhante encargo, ligava o progresso á tradição, e ministrava ao povo portuguez os mais preciosos cordeaes. Faz v. s.ª isto? Sabe fazel-o? Bem longe disso.

Outros segredos, bem sei, tem v. s.ª para segurar a nação de perigos e quebrantos? Porque não usa já d'ellos? Porque não socega os bons patriotas?

praticos n'esta navegação costeira. Dito que a lingua patria é filha da latina achou que podia sem escrupulo vesti-la e atavia-la com os mesmissimos trajes, e arrebiques do Lacio, e traduz livros mil vezes traduzidos como se cubrisse com tinta o que estava escripto em lapis.

Já é tempo de responder á unica parte do seu escripto, que mais parece conter doutrinas dignas d'uma discussão grave. Muito custa encetal-a com tal arguentes, que por certo mais trabalha em embair a opinião publica e em abusar da religião do povo, do que em o doutrinar e defender os seus interesses.

Eu disse que os povos pequenos eram o ludibrio dos grandes, e que a nossa nacionalidade era uma ficção, que só nos dava as regalias de contribuintes. Póde v. s.ª contradizer a verdade historica de todos os tempos, a propotencia dos fortes contra os fracos, escripta até como direito no codigo internacional da Europa? Pode apagar no cadaver da nação as cicatrizes dos golpes, e ainda mais affrontosas as das bofetadas com que viva lhe deram o mais oprobrioso martyrio? Não lhe pula o coração de raiva pelos baldões, e insultos que temos soffrido? Não lhe amarga o fel que tantas vezes deram a tragar á nossa mãe patria? Não lhe aponta a memoria de tantas miserias nossas senão terem *vindo os gallos beber ao Téjo?* As falanges que levaram até aos muros de Tolouse as quinas victoriosas desforçaram-nos de tantas humiliações, restituiram nos os foros de nação? Estão os seus brios de portuguez satisfeitos, os seus votos de publicista cumpridos com os trechos ribombantes das proclamações dictadas por esse proconsul britanico galhardamente expulso d'entre nós pelo esforço nacional de 1820?

Dissertar sobre as causas do nosso abatimento não é mostrar os meios de sahirmos d'elle. A inquisição desappareceu. A nobreza é uma sombra. Os jesuitas foram expulsos. O jugo castelhano foi quebrado. Reganhámos por isso as nossas conquistas, o nosso poder maritimo? Volveram os dias da nossa gloria porque tivemos um rei portuguez? Forramos a nação a novos aviltamentos? Se não pagamos foro a Castella,

bre as barbas grisalhas, sobre as faces bronzeadas e sympathicas.

— A elle a um marinheiro! a quem nunca ninguem se atrevera!...

Anoitecia. *Raul Brandão.*

BIBLIOGRAPHIA

Saudação.—E' uma nova producção do nosso muito presado amigo e distincto poeta, sr. José Maria Ançã, illustrado professor e vice-reitor do Seminario de Beja. A *Saudação* é dirigida a SS. MM. os reis de Portugal, por occasião da sua estada n'aquella cidade, e foi expressamente escripta pelo nosso querido amigo, a pedido da commissão dos festejos.

E' em verso, e verso como só sabe fazêl-o o talentoso poeta, que é uma distincção da sua terra, a mãe-patria de outro distinctissimo escriptor, que passou na terra como um astro brilhantissimo, fulgurando n'uma epopeia de gloria, e que se chamou Alexandre da Conceição. A poesia de Ançã, sempre que a vemos, alegre como um sorriso e pura como um trinado, explendendo pela forma, pela elegancia da phrase, pela cadencia das notas, pela belleza da inspiração e pela melodia da arte, recorda-nos as producções do mestre, como Ançã filho d'aquella boa terra e como elle devendo tudo á sua intelligencia. José Maria Ançã foi pessoalmente offerecer a SS. MM. alguns formosos exemplares da *Saudação*, impressos e encardernados luxuosamente, e ouvio da admiração dos monarchas as phrases de elogio que eram devidas á sua obra. Folgamos com esta justissima demonstração da familia real ao nosso amigo, e felicitamol-o pela sua explendida producção.

Modas.—O numero 371 do bello jornal *Moda Nacional* alem de figurinos de chapeos e elegantes *toilettes* trazem bellos moldes cortados de muita utilidade a todas as senhoras. Em troca de duas cedulas de 100 reis envia este e o seguinte numero a agencia de Lisboa, 65, Praça d'Alegria.

PARA PROTEGER A EPIDERME CONTRA as influencias perniciosas da atmosphera, para conservar ou dar ao rosto frescura, mocidade e macieza é indispensavel adoptar para a toilete diaria

O CREME SIMON

preparado com glacerina, e a sua acção efficaz e benefica é tão rapida e tão evidente, que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça immediatamente as suas grandes virtudes. J. SIMON, 13, rua Grange-Batelierè, Paris.

ANNUNCIOS

PRENSAS E BOMBAS

PARA VINHO

A *Fabrica de Fundição do Ouro do Porto*, está construindo prensas de parafuzo e roquete, moveis, para o bagaço de vinho, pelo systema de **Wecker**, no Luxembourg, para todas as quantidades de bagaço e para qualquer pressão, que vende pelos preços das do estrangeiro.

Tambem está construindo bombas para trafegar vinhos, do systema de **Gaillot**, estando já algumas das que construiu a funccionar em Villa Nova de Gaya.

Porto, 26 d'agosto de 1892.

O director gerente,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

PRENSAS PARA AZEITE

A fabrica da Fundição do Ouro, tem promptas algumas prensas para extrair azeite do bagaço da azeitona, as quaês satisfazem a uma pressão de 250:000 kilogrammas, *e pela qual se obtem 2 litros d'azeite de cada ceira, depois de serem compremidas com as varas.*

Vendem-se agora com grande abatimento.

Porto, 22 de dezembro de 1892.

O director gerente da Nova Companhia da Fundição do Ouro,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

ARRENDAMENTO

Annuncia-se que no dia 26 do corrente, pelas 12 horas do dia, se recebem lanços em hasta publica para o arrendamento da ponte d'Angeja, sobre o rio Vouga, pelos prasos de um e de tres annos.

Simultaneamente serão abertas as praças n'esta repartição, na do districto do Porto, e no Ministerio da Fazenda.

As condições do arrendamento estão patentes n'esta repartição, todos os dias não sanctificados, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

Repartição de fazenda do districto d'Aveiro, 13 de junho de 1893.

O delegado do thesouro,
Miguel Augusto Ferreira d'Araujo.

SEMENTE DE HORTALIÇAS

Novas, recebidas directamente do estrangeiro.

Loja do Povo—AVEIRO.

DEPOSITO DE PÓ DE TIJOLLO

BOA QUALIDADE

Antonio Ferreira Felix Junior, vende-o a 2$500 réis a caixa de 100 tijolos. Cumprem-se pedidos para o paiz e estrangeiro.

Rua Direita, n.os 43 e 47.—AVEIRO

SERRAS MECANICAS DE FITA

A Fabrica de Fundição do Ouro, tendo em vista o maior emprego de operarios, dedicou-se ultimamente á construcção das serras mecanicas de fita, pelo systema das que têm vindo do estrangeiro, que melhores resultados tem produzido.

A primeira que se construiu está a funccionar na tanoaria do ex.mo sr. José Joaquim Correia Ribeiro, na rua do Torne n.º 24, em Villa Nova de Gaya.

Preços muito commodos e obra garantida.

Porto, 30 de janeiro de 1893.

O director gerente,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

AOS SRS. PHARMACEUTICOS

De todo o paiz, ilhas adjacentes e ultramar que ainda não tenham relações com a

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

roga-se queiram enviar os seus endereços ao escriptorio da companhia *Praça de D. Pedro, 59, 1.º—LISBOA* a fim de receberem *gratis* o 1.º numero do boletim da companhia, publicação cujo conhecimento deve interessar-lhes.

CHARRUAS S. S.

A Fundição do Ouro, no anno findo de 1892, debaixo da direcção do habil Regente Agricola, o ex.mo sr. Joaquim de Souza dos Santos, introduziu importantes melhoramentos na charrúa do systema americano, a respeito das quaes diz n'uma carta datada de 14 de julho, do mesmo anno, o ex.mo sr. Augusto Serrão de Faria Pereira, da Azinhaga, no concelho de Santarem, o seguinte: «*Fiquei encantado com o bom serviço produzido pela bella charrúa S. S. Faz optimo trabalho, vira a leira com a maior perfeição, e o rêgo é, em toda a altura, d'egual largura. Nas terras riquissimas das nossas propriedades, e que, custam muitissimo a trabalhar, profunda-se a lavoura até 0,26 c. sem difficuldade. Creio que a altura, quando o terreno em boas condições, será de 0,36 c. Far-me-ha o amigo o favor de me enviar mais duas charruas para a estação de Matto de Miranda.*»

Tão authorisada informação, prova os bons effeitos dos melhoramentos introduzidos, e a grande conveniencia de se fazer uso d'estas charruas.

Porto e Fundição do Ouro, 1 de fevereiro de 1893.

O director gerente,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

O ADVOGADO BARBOSA DE MAGALHÃES

mudou o seu escriptorio e a sua residencia para o Largo da Trindade, n.º 17, 1.º—em Lisboa.

DIRECTOR TECHNICO—**E. ESTACIO**

COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE

FABRICA A VAPOR DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

CAMPO PEQUENO

ESCRIPTORIO PRAÇA DE D. PEDRO, 59, 1.º

PHARMACIA » » » » 60 a 63

Deposito—RUA DO PRINCIPE, 92 A 100

LISBOA

Esta companhia é a **unica** no paiz que fabrica em grande escala e, por processos, machinas e apparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, grande numero de *preparações e especialidades chimico-pharmaceuticas* em perfeição de acabamento egual ou superior ás simulares d'origem estrangeira, sendo porém as de seu fabrico *garantidas* pela companhia, nos seus componentes tanto em quantidades, como em qualidades e por preços *excessivamente menores.*

Além d'isso a companhia negoceia em todos os artigos que interessam ás classes de *medicina, cirurgia, pharmacia, e chimica*, taes como objectos de cautchouc, apparelhos de laboratorio, etc., sendo pela sua dupla qualidade de fabricante e commerciante em grande escala, a casa *fornecedora mais conveniente e completa de pharmacias, hospitaes, laboratorios chimicos, etc., etc.*

Fornecem-se catalogos e informações a quem as requisite

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 37

CHEGARAM AS GRANDES NOVIDADES PARA A PRESENTE ESTAÇÃO DE INVERNO

Lãs para vestidos, de grande novidade.
Cortes para vestidos, uma surpreza.
Boas do pennas com mais de 2 metros a 1$600.
Guarnições de pennas lindissimas desde 120!
Matelacez de seda largos, fortes, desde 1$000 até 6$000.
Velludos de seda pretos e côres desde 1$500.
Peluches de seda para confecções 4$500, 3$500 e 1$200.
Pannos francezes para casacos desde 1$000.
Visites modelos francezes 30$000, 25$000, 20$000, 15$000 e 9$000.
Grande sortimento de muitos outros artigos de grande novidade.

Sedas de Lyon

Em preto e todas as côres, por preços sem competencia, devido a condições especiaes, exclusivo d'este estabelecimento por contracto com o proprio fabricante.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 41

CONTRA O MILDIU E O OIDIUM

ENXOFRE ESTACIO

Instrucções e attestados gratis—C.ª portugueza HYGIENE—Praça de D. Pedro, 50, Lisboa

GRANDE LOTERIA DE DINHEIRO

GARANTIDA LEGALMENTE PELO GOVERNO SUPREMO

EM

HAMBURGO

500,000

Marcos ou cerca de

Réis 150,000$000

como premio maior são offerecidos no caso mais feliz pela Nova Grande Loteria de dinheiro, garantida pelo Estado de Hamburgo.

Mas em todo o caso cerca de

1 premio de réis	90.000$000
1 premio de réis	60.000$000
1 premio de réis	30.000$000
2 premios de réis	22.500$000
1 premio de réis	21.000$000
1 premio de réis	19.500$000
1 premio de réis	18.000$000
1 premio de réis	16.500$000
2 premios de réis	15.000$000
1 premio de réis	12.000$000
5 premios de réis	6.000$000
3 premios de réis	4.500$000
26 premios de réis	3.000$000
56 premios de réis	1.500$000
106 premios de réis	900$000
253 premios de réis	600$000
6 premios de réis	450$000
756 premios de réis	300$000
1237 premios de réis	150$000
33950 premios de réis	44$400

18991 premios de 90$000, 60$000, 45$000, 38$100, 30$000, 28$200, 20$100, 12$000, 6$000 réis.

A muito importante loteria de dinheiro, auctorisada pelo alto Governo de Estado em HAMBURGO, e garantida pela propriedade total do Estado, conteem 110,000 bilhetes dos quaes 55,400 devem ganhar com certeza. N'esta loteria o capital é de cerca de

3,200,000$000 RÉIS

A combinação favoravel d'esta loteria de dinheiro é de tal modo que todos os 55,400 premios acima indicados serão com certeza sorteados em 7 series successivas.

O premio principal da primeira serie é de réis 15,000$000, da segunda serie 16,500$000 réis, e eleva-se na terceira a 18,000$000 réis, na quarta a réis 19,500$000, na quinta a 21,000$000 réis, na sexta a 22,500$000 réis, e na setima a event. 150,000$000 réis, mas em todo o caso a 90,000$000, 60,000$000 réis, etc.

A casa commercial abaixo nomeada, convida respeitosamente pelo presente annuncio a interessarem-se n'esta Grande loteria de dinheiro.

Roga-se ás pessoas que desejarem dar ordens de compra, de juntar as respectivas importancias em Notas do Banco de Portugal ou de França, ou de qualquer outro paiz europeo, ou em sellos do correio, ou, o mais commodo, mandar o dinheiro por vale postale internacional do vosso paiz.

O custo para a primeira serie, é, para

1 bilhete original inteiro Marcos 6.—ou Réis 1$850
1 meio bilhete original Marcos 3.—ou Réis 925

Os preços dos bilhetes das series seguintes, sem como a distribuição de todos os premios e datas dos sorteios, todos os pormenores em fim, podem ser examinados no plano official.

O comprador receberá os bilhetes originaes, munidos dos sellos do Estado, e ao mesmo tempo o plano official dos sorteios, onde encontrará as informações necessarias. Logo em seguida ao sorteio cada interessado receberá a lista official dos premios extraidos, carimbada com as armas do Estado. O pagamento dos premios terá logar em conformidade com o plano promptamente, sob a garantia do Estado. Os premios são pagos em Reichsmark.

No caso em que, contra a nossa espectativa, o plano dos sorteios não convier a um dos interessados estamos promptos a tornar a receber, antes do sorteio, os bilhetes que não convierem e a restituir a importancia recebida. Se se desejar, o plano official dos sorteios é mandado gratis com antecedencia para se tomar conhecimento d'elle. Rogamos se sirvam mandar-nos as ordens o mais cedo possivel, mas em todo o caso antes de

28 Junho 1893

Valentin & Cie.
CASA BANCARIA
HAMBOURG
cidade livre, Allemagne.

Os sorteios verificar-se-hão a 28 e 29 de junho de 1893.

FILTRO CHAMBERLAND

SYSTEMA PASTEUR

O unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação. Unico filtro adoptado mediante concurso para o serviço do exercito francez.

ACADEMIA DAS SCIENCIAS

PREMIO MONTLOION

SEIS MEDALHAS DE HONRA

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1890

UNICA MEDALHA DE OURO

Concedida pela classe de hygiene, conforme consta do catalogo official das recompensas—Classe 64, pagina 4:794

Deposito especial para Portugal, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

NOTA—Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos de filtros e preços dos mesmos a quem os requisitar.

PREGOS D'ARAME

GRANDES DESCONTOS

PARA REVENDER

ENVIA-SE TABELLAS A QUEM AS REQUISITAR

COMPANHIA VICTORIA

Rua das Janellas Verdes

LISBOA

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

LOTERIAS

ESTA casa, uma das principaes no seu genero, tem para todas as loterias um grande sortimento de bilhetes e cautellas, sendo os preços muito mais baratos que em qualquer outro cambista.

PREÇOS

Bilhete, 5$000 réis; meios bilhetes a 2$500 réis; quintos a 1$000 réis; decimos a 500 réis; cautellas de 260, 130 e 60 réis.

Todos os pedidos dirigidos a esta casa são satisfeitos com a maxima promptidão. Basta addicionar ao valor do pedido, o porte do correio.

Os premios vendidos n'esta casa são pagos á vista e sem desconto algum.

CAMBIO

Compra e vende pelos melhores preços do mercado, libras, ouro portuguez, moedas estrangeiras de ouro e prata, notas dos Bancos de todos os paizes da Europa, America do Norte e Brazil, etc., etc.

Dirigir ao cambista

JOSÉ R. TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

LISBOA

UNICO DEPOSITO

DE

FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

DE

ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA

RUA DE D. PEDRO, 87

PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaes-mechanicos**, assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais**, etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos** e **fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista**, fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprictarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

Consultorio Medico-Cirurgico

—DE—

Molestias de Senhoras e Creanças

DAS MEDICAS

Laurinda de Moraes Sarmento e Aurelia de Moraes Sarmento

Consultas das 11 horas da manhã ás 3 da tarde
Chamadas para PARTOS a qualquer hora

579—RUA DO ALMADA—579

PORTO

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

não o temos pago a quantos governos estranhos nos tem querido tirar a liberdade, e a fazenda? Acabaram para nós os flibusteiros? Não são todos os mares para a nossa bandeira como era a boca do estreito nos tempos da pirataria marroquina? Não estão os nossos portos subjeitos á furia dos corsarios, as nossas fronteiras abertas ás incursões de estrangeiros? Não estivemos nós ainda ha pouco cercados pelas hostes de tres nações?

A nossa nacionalidade é ha muito tempo uma patranha diplomatica. Ha seculos que estamos sob uma invasão permanente ou d'armas, ou d'influencias estranhas. Para salvar a honra do lar domestico cevamos a cubiça dos invasores com riquezas, abrandamos a sua sanha com cortezanices, e por fim exhaustos de forças, e de bens assistimos ás profanações familiares, sem mais protesto que o das lagrimas. *Demos os annéis, e cortaram-nos os dedos.*

A historia é mais justa do que a apregoam os falsos zeladores das nossas glorias. Os nomes dos nossos navegadores e capitães estão nitidamente escriptos nos annaes do mundo. Ninguem ousa negar a perseverança, o arrojo, as virtudes guerreiras, e politicas com que á custa de façanhas assombrosas fizemos nós sós uma das maiores revoluções economicas, e mesmo sociaes porque tem passado o mundo. Ninguem visitando a galeria dos benemeritos da civilisação deixa de parar, e de abaixar a cabeça diante d'este povo heroico, cuja aureola ficou para sempre fulgurando na historia como um phanal inextinguivel. Mas se o engrandecimento dos povos não consiste exclusivamente na sua força numerica, o dos pequenos depende de conjuncturas rarissimas, que escapando a todos os calculos nem se antolham como esperança remota.

Penetramos o oriente pouco mais ou menos pelos tempos em que a Europa se revolvia agitada pelas questões de poder e de religião, que foram o seu primeiro brado revolucionario, e em que Carlos 5.º ia levantando o imperio gigantesco que mais tarde havia de arruinar a nossa obra, e extinguir o nosso nome. Parece que a providencia, como se não podesse atalhar ás nossas fortunas, lhe preparava invejosa quasi desde o berço a sepultura.

V. s.ª observa com pasmosa penetração que as cidades, e os povos crescem como as demais cousas. Tão aventurosa asserção demandava pezo d'auctoridades. Tito Livo, e Sallustio acudiram-lhe a tempo. Mas para onde quer v. s.ª que nós cresçamos? Para o mar? *Ficou*, como diz o seu escriptor *tão chão que até hoje ainda se não descubriu mais uma só ilha, ou rochedo.* Para as possessões que foram nossas? Porque não reteve v. s.ª e os seus collegas de 20 as do Brasil? Para a Hespanha? Essa conquista é facilima. O inimigo não se defende. V. s.ª só entra em Madrid.

Capta Grecia ferum victorem cæpit.

A nacionalidade não consiste em ter bandeira de tal ou tal côr, rei de tal ou tal raça, governo de tal ou tal nome. O exercicio pleno da soberania, tanto no regimen interno como no tracto com as demais nações, é o que constitue a independencia d'um povo. Desta soberania são condições indispensaveis o numero dos cidadãos, e a riqueza da communidade. Exaltar um povo com a maravilha das Thermopilas, ou com as façanhas do lidador não é levantar-lhe o animo, vingal-o d'affrentas, é mercadejar com a nobreza dos seus sentimentos, com o fogo do seu caractor, e vendê-lo por popularidades balôfas, preço mais vil do que os trinta dinheiros.

Exercemos ou não os actos d'arbitrio honesto, principal caracteristico da existencia social? Bastam, ou não bastam as nossas forças para recuperarmos, e mantermos esse direito no estado actual da Europa, e no que provavelmente se lhe vai seguir? Eis-aqui a questão da nossa nacionalidade, assumpto de bravatas e hyperboles para os patriotas discolos, motivo de cuidados e pesares para os sinceros amadores da patria.

Os povos pequenos fizeram muito, quando ou eram poucos os grandes, ou se moviam em systemas parciaes e isolados. A nossa posição geographica mal nos permittiu aproveitar-nos d'estas isenções d'outro tempo. Logo que cresceram as nações possas irmãs, uma quiz arredondar-se com o nosso

guinolentos, grandes proezas militares, as quinas nos muros de Toulouse, poucos cumprimentos, paz geral, perda d'Olivença, honras, ouro, terras para o segundo libertador, e em fim protectorado inglez.

Agrada-lhe este quadro? Não se irritam com elle os seus brios de portuguez? Fomos mais bem tratados no tempo do grande Pombal do que no governo incerto, e frouxo do principe regente? Não são todas aquellas humiliações abusos de força? Se foramos uma nação grande ousariam tanto contra nós? Os raios da guerra e da diplomacia procuram tanto o *robusto roble como o rasteiro arbusto?*

A historia das nossas relações com a Hespanha é curiosa de estudar. Os nossos reis tão confiados na sua espada, e no animo bellicoso dos seus subditos espiavam desveladamente o poder dos nossos visinhos. Não descançavam com parvoa segurança nas promessas de Ourique, não se declararam *invictos* para todo sempre. Não eramos um estado tão poderoso como os outros em que então estava dividida a Peninsula. Quando D. Affonso V o africano, destemido *sabreur*, viu levantado contra o seu reino um formidavel padrasto na união da Hespanha pelo casamento quasi sobrepticio de Fernando e Isabel, combateo, intrigou, barafustou, desatinou, deixou a patria, foi pessoalmente pedir allianças a França, e veio de lá envergonhado e ralado. A batalha de Toro não foi um combate de ambição mas de independencia. Estava em todos os animos o presentimento do grande perigo com que ficava ameaçada a nossa nacionalidade. Que faria v. s.ª se fôra vivo n'essa conjunctura? Trataria talvez de doudo o pobre rei perigrinador, chamaria traidores os seus companheiros de armas, e encommendaria a Deus a sorte de Portugal.

Verificou se, mais tarde, a catastrophe que a perturbação, a angustia dos conselhos do estado pareciam já então prophetisar. Passados annos reconquistamos, a poder de gentilezas de armas, a nacionalidade perdida. As companhas da restauração de 640 são brilhantes. Nenhum povo as tem mais honrosas na sua historia, mas apesar disso não devemos a liberdade só ao nosso braço, assim como a sujeição não teve

Intervenção hespanhola offerecida e acceita clandestinamente para debellar a revolução de Almeida.

Navegação do Douro com o historico parenthese do seu regulamento.

Corso sob a nossa bandeira, nos mares de Africa.

Bill do parlamento britannico contra a nossa navegação.

Tiros da marinha britannica sobre os emigrados portuguezes entrando na Terceira.

Entrada no Tejo pela esquadra franceza.

Expedição inglesa em 1826.

Tractado de 1810.

Invasão franceza em 1807, e fuga da familia real para o Brazil debaixo da bandeira ingleza.

Estipulação da neutralidade com condições durissimas.

Tractado de Fontainebleau.

Invasão de 1801.

Paz geral e perda de territorio.

Guerra do pacto de familia, invasão repentina, e paz sem indemnisações.

Fiquemos aqui e comparemos.

Em 1700 os embaixadores hespanhol e francez intimam ao ministro Pombal que se declare por uma das potencias belligerantes, e nem sequer lhe ouvem as razões da neutralidade que lhes propõe. Logo um general inglez mandado de Inglaterra, o nosso exercito debaixo das ordens d'elle, sangue portuguez derramado por interesses estrangeiros, presentes, postos, riquezas para o libertador. O rei de Inglaterra elogia no discurso do throno a coragem do rei de Portugal, os talentos militares do conde de Lippe, e annuncia que fez a paz por nós, assagurando-nos a integridade de nossos dominios, quando, se me não engano, nenhuns haviamos perdido.

Em 1800 um milhão de francos para não vestirmos a farda dos contendores. Invasão, não obstante o cumprimento das estipulações da neutralidade. Abandono dos inglezes em quanto a Hespanha foi alliada da França. General, soccorros e exercitos britanicos quando a sublevação da Peninsula lhe dava meios de expulsar as hostes de Napoleão. Combates san-